

Projeto de Doutorado – Exame de Qualificação

*A festa e a guerra:*

**uma história social das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro (1967- 1983)**

Bernardo Borges Buarque de Hollanda

(Doutorado – História Cultural – 4º período)

Rio de Janeiro, 15 de setembro de 2004

“O futebol só começou a ser histórico quando apareceu o primeiro torcedor.”

Nelson Rodrigues

## Índice

1. Recorte temático e questão em foco	4
2. Objetivos	22
3. Quadro teórico-metodológico	23
4. Hipóteses	29
5. Ementário	31
6. Esboço de capítulo	34
7. Bibliografia	59
8. Cronograma de atividades	72

## 1. Recorte temático e questão em foco

As torcidas organizadas de futebol costumam ser associadas nos dias de hoje a *gangs juvenis*. Os meios de comunicação de uma maneira geral vêm com suspeição estes grupos, tomando-os como promotores do vandalismo e como disseminadores da violência que permeia a sociedade contemporânea. Cumprem assim, no interior do universo esportivo, o papel das *classes perigosas*<sup>1</sup>, que em momentos históricos determinados atemorizam e desafiam as normas sociais estabelecidas. O caso dos *hooligans* ingleses constitui o estereótipo mais difundido e o exemplo paradigmático a este respeito. Sua presença parece uma ameaça à consecução integral do *processo civilizador*<sup>2</sup> a que as elites aspiram e têm como projeto na vida das grandes cidades.

A erradicação das torcidas organizadas seria por conseguinte a medida mais conveniente para a supressão desse corpo estranho aos princípios desportivos, responsáveis pelos constantes distúrbios que rondam o meio futebolístico e que afastam as *famílias* dos estádios. Isto porque, desde principalmente a virada da década de 1980 para a década de 1990, um sem número de delinquentes e desordeiros teriam se infiltrado nestas agremiações juvenis, comprometendo de maneira decisiva a sua imagem para a imprensa. Galeras de rua, pichadores, *funkeiros*, usuários de drogas e lutadores de artes marciais passaram a cerrar fileiras nas torcidas organizadas e encontraram espaço ali para dar vazão a suas condutas marginais e desviantes.

---

<sup>1</sup> Segundo o historiador francês Alfred Wahl, a imagem amedrontadora das *classes perigosas* se faz presente desde os primórdios de constituição do futebol na Inglaterra, durante a segunda metade do século XIX: “Le jeu ne devait devenir ni travail ni exhibition devant un public formé des classes ‘dangereuses’”. Cf. WAHL, A. **La balle au pied – histoire du football**. Paris: Gallimard, 1990, p. 25. A teoria das classes perigosas foi formulada por Louis Chevalier (1978), que procurava descrever e entender a vida social, política e literária de Paris no século XIX. Cf. ZALUAR, A. “Gangues, galeras e quadrilhas: globalização, juventude e violência. In: VIANNA, H. (org.). **Galeras cariocas: territórios de conflitos e encontros culturais**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997, p. 28. No caso do Brasil, o fenômeno das *classes perigosas* foi estudado pelo historiador Sidney Chalhoub, com foco no Rio de Janeiro das primeiras décadas do século XX. Cf. CHALHOUB, S. **Trabalho, lar e lotequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle-époque**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

<sup>2</sup> Cf. ELIAS, N. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993/1994. 2v.

Ao contrário dos *torcedores-símbolos*, que segundo os meios de comunicação exemplificam com singularidade ao longo da história do futebol a devoção de um indivíduo ao seu clube, as torcidas organizadas são coletividades que vieram a subverter o sentido tradicional, supostamente pacífico e festivo, do modo de ser do público espectador.

Mas não é possível dizer que os jornais, o rádio e a televisão sejam os responsáveis exclusivos pela veiculação dessa configuração negativa das torcidas organizadas. O cultivo de um *ethos* guerreiro e beligerante é bem acentuado no seio desses grêmios torcedores. Os dias de jogos de seus clubes são uma oportunidade privilegiada para a observação da representação de sua auto-imagem. Em antagonismo com as torcidas rivais – antagonismo físico e simbólico, bem como, gestual e verbal – verifica-se toda uma exacerbação da intolerância e da agressividade perante o *outro*. Com laivos de xenofobia, é freqüente e deliberada entre as torcidas, paralelamente à abnegação dedicada ao seu clube, a apologia do crime, do terror e da morte.

A propósito disso também, é válida a lembrança de que no ano de 1990 foi fundada a torcida do Corinthians *Pavilhão 9*, uma alusão explícita aos presidiários da Casa de Detenção do Carandiru em São Paulo, dado que contribui para o estabelecimento deste vínculo entre torcedores e marginalizados da sociedade. De fato, na atualidade, é comum nos presídios do Rio de Janeiro e de São Paulo a existência de faixas, bandeiras e toda sorte de emblemas associados às torcidas organizadas.

A imersão na cultura da violência fez com que as torcidas organizadas passassem a se envolver de forma cada vez mais regular em embates com seus oponentes. Em meio muitas vezes a crises periódicas por que passava o futebol, com estádios vazios e em condições precárias, os atrativos das partidas de futebol foram mudando de foco. Dos gramados e do campo de jogo, eles migraram para as brigas nas arquibancadas, nas

cercanias do estádio e nos meios de locomoção pública. A construção recíproca de códigos de luta com o *inimigo* levou a uma série de situações limites e alarmantes, o que fez o cronista esportivo Armando Nogueira chamar esses grupos de *falanges fascistas*<sup>3</sup>.

Casos extremos de choque entre esses agrupamentos sucederam-se na década de 1990. A culminância deste processo no Brasil, ao menos sob o ponto de vista da mídia, ocorreu na conhecida *batalha campal* do Pacaembu, na cidade de São Paulo, no dia 20 de agosto de 1995, durante a final da II Supercopa de Juniores entre as equipes do Palmeiras e do São Paulo. Ao final da partida, transmitida ao vivo pela televisão, milhares de torcedores da Mancha Verde e da Torcida Independente digladiaram-se dentro de campo, sem que a polícia pudesse contornar a situação durante a maior parte do tempo. O resultado foi o falecimento de um menor de idade e o ferimento de centenas de torcedores.

Como acontece de um modo geral em nossa sociedade, a discussão em torno das torcidas organizadas de futebol deu-se apenas após a ocorrência desse grave episódio. A ampliação do debate para segmentos sociais mais amplos teve como consequência a sua apreciação em termos majoritariamente morais e criminais. A transferência de responsabilidades entre as autoridades públicas e a condenação taxativa do caso por parte da crítica esportiva especializada foram seguidas da penalização dos envolvidos – inclusive com a suspensão das atividades do presidente da Mancha Verde, flagrado no tumulto pelas câmaras de televisão – e da extinção das duas torcidas, fato que se tentou estender também para todas as facções da cidade de São Paulo<sup>4</sup>.

---

<sup>3</sup> Cf. JORNAL DO BRASIL. **Torcidas Organizadas: as gangues da paixão** Rio de Janeiro, 22 de maio de 1988, Revista de Domingo.

<sup>4</sup> A Justiça do Estado de São Paulo vedou, em 1997, o acesso de quase 20 torcidas organizadas aos estádios. Cf. MONTEIRO, R. de A. **Torcer, lutar, o inimigo massacrar – Raça Rubro-Negra!: uma etnografia sobre futebol, violência e masculinidade**. Prefácio de Alba Zaluar. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2003, p. 41 e 42.

A interdição das torcidas organizadas naquele momento, com o seu banimento dos estádios, teve ressonância nacional e ocasionou um grande refluxo na estrutura destes grupos. Entretanto, tal proibição possibilitou revelar ao mesmo tempo outros aspectos antes desconhecidos daquelas agremiações. Um deles dizia respeito à sua surpreendente capacidade de sobrevivência como entidades jurídicas legalmente estabelecidas. Com o amparo da lei, as torcidas organizadas de futebol buscaram novos registros na forma de escolas de samba, o que foi obtido com êxito, vindo em seguida a se tornar respeitadas instituições oficiais do carnaval paulista, como o Grêmio Gaviões da Fiel, do Corinthians, vencedor de vários desfiles. Tal acontecimento evidenciou um poder associativo maior do que se presumia até então.

Com a transformação de suas sedes em quadras e de seus blocos em escolas de samba, os pavilhões das torcidas organizadas de futebol passaram a ser um espaço profícuo para o seu crescimento e para o desenvolvimento de um conjunto de atividades de cunho social, que visavam à conquista do reconhecimento perante a opinião pública. Nos moldes de uma organização não-governamental, uma gama de ações filantrópicas e beneficentes foi implementada: campanhas contra a fome e contra as drogas, doação de sangue e prevenção contra a aids, projetos de escolinhas de futebol para crianças carentes, entre outras atividades. Em virtude disto, algumas torcidas foram agraciadas com o título de instituições de Utilidade Pública<sup>5</sup> e com medalhas conferidas por Assembléias Legislativas estaduais<sup>6</sup>.

No caso do Rio de Janeiro, as torcidas organizadas não chegaram a sofrer interdição, embora este fosse o objetivo de alguns órgãos administrativos do estado. Na

---

<sup>5</sup> A torcida ligada ao clube do Cruzeiro, Máfia Azul Cru-Fiel Floresta, foi a primeira a ser considerada de utilidade pública, no dia 10 de janeiro de 1991, pela lei nº 10382. Cf. endereço eletrônico: <<http://www.mafiaazul.com.br>> Acesso em: 12 de março de 2004.

<sup>6</sup> A Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro registrou em seus anais Moção de Louvor à Torcida Young-Flu, ligada ao Fluminense Futebol Clube, no dia 10 de novembro de 1995. Cf. endereço eletrônico: <<http://www.tyf.com.br>> Acesso em: 11 de março de 2004.

gestão de Raul Raposo, durante o governo Marcello Alencar (1994-1998), a SUDERJ proibiu provisoriamente a entrada no estádio do Maracanã de faixas, bandeiras e instrumentos de percussão pertencentes às torcidas organizadas<sup>7</sup>. Mediante pressão semelhante à das torcidas de São Paulo, os presidentes das torcidas organizadas cariocas reformularam sua base estatutária, registrando-se juridicamente como *grêmios recreativos* e como *movimentos culturais*. Procuravam assim seguir os modelos das escolas de samba do Rio de Janeiro e dos movimentos sociais mais abrangentes do país, com vistas à sua plena legitimação.

É válido mencionar ainda que o aval público e a afirmação corporativa das torcidas organizadas davam-se também por meio do lançamento de candidaturas próprias em pleitos municipais e estaduais. Com a concorrência nas eleições, reforçava-se a sua ambição por espaços de participação política na cidade e a busca por sua maioria civil<sup>8</sup>.

Além da dimensão representativa, um outro ponto até então igualmente ignorado no debate sobre as torcidas organizadas referia-se ao fator econômico e financeiro. Como órgãos privados sem fins lucrativos, estes agrupamentos juvenis assistiram no intervalo de uma década a uma progressiva e em alguns casos vertiginosa expansão de associados não apenas em nível local, como em âmbito nacional e até internacional.

---

<sup>7</sup> Esse conjunto de medidas representava o desfecho de uma relação de deterioração que vinha se dando entre a administração da SUDERJ e as torcidas organizadas do Rio de Janeiro desde a década de 1980. Se durante a gestão de Jorge Roberto Silveira à frente da Secretaria Estadual de Esportes e Lazer, no primeiro governo Leonel Brizola (1983-1986), constatou-se um bom relacionamento entre a SUDERJ e as torcidas, em razão de um conjunto de reformas populares no Maracanã e da concessão de 23 salas às facções torcedoras nas dependências do estádio, nos anos seguintes a relação de proximidade iria sofrer sucessivos abalos. Isto ocorreria na gestão de Leo Simões, superintendente da SUDERJ durante o governo Moreira Franco (1987-1990), com o recrudescimento da violência entre as torcidas, e nas administrações de Márcio Braga e Jorge Picciani, já no segundo governo Leonel Brizola (1991-1994), quando as torcidas são desalojadas do Maracanã.

<sup>8</sup> Nas eleições municipais do Rio de Janeiro, de 1996 e 2000, a Raça Rubro-Negra concorreu com o candidato a vereador Marcelo Tijollo, filiado ao Partido Trabalhista do Brasil (PT do B). Já a Força Jovem do Vasco teve como candidato Roberto Monteiro, filiado ao Partido Comunista do Brasil (PC do B).

Neste sentido, as torcidas organizadas souberam acompanhar as transformações capitalistas que atravessava o futebol profissional mundial nos decênios de 1980 e 1990.

Com efeito, as torcidas organizadas acoplaram-se aos avanços de modernização e de comercialização que atingiram a seara esportiva. À maneira dos *clubes-empresa*, elas converteram-se também em *torcidas-empresa*, passando a se valer da mesma forma do *marketing* e do *merchandising* para a elaboração de uma série de produtos ligados à sua marca, o que atendia também à demanda de um público consumidor jovem<sup>9</sup>. Aproveitaram desta maneira o veio empresarial, com a profissionalização de seus quadros, com a formação de um departamento de relações públicas e com a criação de uma grife específica e um logotipo próprio. A partir disto, estendeu seu raio de ação para diversas partes do país, com o recrutamento de mais e mais simpatizantes. Se em esfera local, como no Rio de Janeiro, elas já possuíam sedes administrativas no Centro e na Zona Norte da cidade, e estavam em vias de inaugurar suas sedes sociais no subúrbio, em esfera nacional e internacional abriram, na forma de franquias, suas filiais em quase todas as capitais brasileiras e em alguns países do mundo.

Assim, a despeito do estigma que ainda perdura sobre elas e das suas práticas de infração que continuam em curso, o número de adeptos continua crescente e as maiores torcidas já contam entre quarenta e oitenta mil integrantes<sup>10</sup>.

E aí parece residir o dilema das torcidas organizadas na atualidade. Por um lado, a problemática da violência permanece central, fazendo-se onipresente na constituição da sua identidade como grupo juvenil, com a emulação da virilidade e da masculinidade; por outro, no afã de se tornar uma instituição aceita pelo meio esportivo e social

---

<sup>9</sup> Dentre os produtos confeccionados para a venda, é possível listar toda sorte de gorros, bonés, camisas, camisetas, casacos, calças e *shorts* que seguem os padrões da moda masculina juvenil. Alguns destes padrões, por exemplo, buscam inspiração em indumentárias características do basquete norte-americano. Além disto, encontram-se cartões telefônicos, adesivos e revistas com a marca das torcidas.

<sup>10</sup> Com base em dados fornecidos pelas próprias torcidas, eis os números de afiliados de algumas das maiores torcidas brasileiras: Grêmio Recreativo e Torcida Organizada Força Jovem do Vasco (47 mil componentes); Grêmio Recreativo e Movimento Cultural Raça Rubro-Negra (60 mil componentes); Grêmio Gaviões da Fiel (67 mil componentes); Máfia Azul Cru-Fiel Floresta (80 mil componentes).

circundante, necessita de um discurso conciliador, de um comportamento condizente com as normas coletivas e de uma interface com outros setores da sociedade.

E é possível ainda vislumbrar um outro empecilho nas formas de torcer, incorporadas à tradição das torcidas organizadas contemporâneas, uma vez que elas estão na contramão do processo de remodelamento e modernização dos estádios. A contrapelo das medidas de segurança exigidas pelo Estatuto do Torcedor, sancionado pelo Ministério dos Esportes no final do ano passado, onde estão previstos os assentos numerados – tal qual as platéias de teatro – e a eliminação das grandes aglomerações de espectadores em pé, as torcidas organizadas de futebol continuam com um forte apelo gregário e performático. Ao torcer entoando cânticos de guerra, dando exhibições de pirotecnia e pulando de forma quase ininterrupta ao longo das partidas, elas costumam ser fontes constantes de confusão em várias praças de esportes que ainda não sofreram as adequações requeridas pelo governo e que estão em consonância com as medidas cautelares adotadas pela FIFA.

Para essa entidade internacional, o objetivo tácito é a conversão do torcedor em consumidor esportivo e dos estádios em fontes seguras para a angariação de maiores rendas. A cobertura televisiva tornou prescindíveis as praças esportivas de grandes proporções, que foram remodeladas ou passaram a dar lugar a novos complexos desportivos, de pequeno e médio porte, com capacidade média para cinquenta mil espectadores. A demolição do tradicional estádio de Wembley, na Inglaterra, em 2002, foi tida como encerramento simbólico de uma era arquitetônica do futebol. Com ele esboroava-se também um vasto ciclo de praças esportivas, em que a absorção quantitativa de público constituía o principal critério distintivo de *status* e magnanimidade.

A indefinição de rumo das torcidas organizadas ocorre graças a esse ponto de bifurcação a que chegaram. As alternativas que lhes restam parecem ser o enquadramento ou a marginalização. Na medida em que não é possível saber o curso que será trilhado por tais agremiações, cabe, isto sim, o exame das razões que levaram à formulação deste impasse. Pois parece pouco plausível a coexistência entre esse fascínio pela violência exarado pelas torcidas organizadas e a vigilância ostensiva da imprensa, das autoridades públicas e dos dirigentes esportivos sobre estes grupos, em prol da sua conformação às regras socialmente instituídas.

\*

A tentativa de compreensão das torcidas organizadas de futebol vem sendo empreendida pelo meio acadêmico com maior frequência desde o início dos anos de 1990. Na esteira dos trágicos acontecimentos que adquiriram visibilidade nos meios de comunicação, cientistas sociais de São Paulo e do Rio de Janeiro procuraram dar uma explicação ao fenômeno, com a realização de observações participantes junto aos grupos torcedores e com a introdução de breves recapitulações históricas ao problema.

As etnografias apontaram em sua base para a presença de um complexo sistema de rituais e simbolismos, de dramas e padrões de sociabilidade, de estilos de vida e visões de mundo partilhadas por estas agremiações, o que contribuiu para o entendimento da permanência e do vigor destas entidades no meio urbano hodierno. Como contradição à visão dominante, a maioria dos sociólogos relativizou a unidimensionalidade da violência creditada às torcidas organizadas. Elas foram então inseridas em um quadro sócio-econômico mais complexo e mais abrangente, onde se salienta a importância de uma abordagem menos maniqueísta do objeto em questão, sem reificá-lo e sem reduzi-

lo a uma mera patologia social. Neste contexto, houve inclusive aqueles que qualificaram as torcidas de futebol como *organizações cordiais*<sup>11</sup>.

Já sob o ponto de vista retrospectivo, as cronologias sumárias assinalaram a existência de incidentes e de agressões físicas entre espectadores desde os princípios da introdução do esporte no Brasil, o que retira das torcidas organizadas a exclusividade nos atos de violência. O próprio jogo é percebido em muitos aspectos como uma sublimação da guerra na vida moderna e um mecanismo através do qual o homem extravasa as tensões atinentes à obediência e à violação das leis societárias. Em decorrência disto, o comportamento desviante do torcedor seria para muitos antropólogos uma das expressões da dinâmica esportiva mais geral.

Ao esquadrihar os dados históricos, os especialistas identificaram dois momentos cruciais no advento das torcidas de futebol: 1º) início do decênio de 1940, quando despontam as primeiras associações torcedoras, de caráter lúdico e espontâneo, ainda tênues em sua organização; 2º) virada dos anos de 1960 para os anos de 1970, quando são formados os embriões das torcidas organizadas propriamente ditas, tal como conhecidas nos dias de hoje. Estes momentos acompanhavam um processo maior de aparecimento das torcidas na Europa. Naquele continente, as primeiras legiões torcedoras irrompem no decorrer da década de 1920, de início na Bélgica e em seguida no norte da França<sup>12</sup>, embora haja estudiosos que sustentem a existência destes grupos na Grã-Bretanha desde o limiar do século XX, quando já acorriam milhares de espectadores aos estádios<sup>13</sup>.

---

<sup>11</sup> Cf. COSTA, A. L. “A organização cordial: ensaio de cultura organizacional do Grêmio Gaviões da Fiel”. In: **Revista de Administração de Empresas de São Paulo**. São Paulo: s.e., 1995, nº 6.

<sup>12</sup> De acordo com Alfred Wahl: “C’est en Belgique que sont nés, au cours des années 1920, les premiers clubs des supporters du continent. Ils gagneront ensuite le nord de la France”. Cf. WAHL, A. **op. cit.**, p. 33.

<sup>13</sup> Cf. MOORHOUSE, H. F. “Les foules de Glasgow”. In: **S. & R.**. Paris: s.e., 1998, p. 193 e 194. O número de espectadores que freqüentavam estádios na Escócia, como o *Celtic Park* ou o *Hampden Park*, em fins do século XIX, chegava a cinquenta mil.

Em relação à primeira fase, no Rio de Janeiro, o exemplo mais notório é o da Charanga do Flamengo, criada em 1942 por Jaime de Carvalho. Depois da Charanga, seria fundada, em 1944, a Torcida Organizada do Vasco, por João de Lucas; em 1952, a Torcida Pó-de-Arroz, do Fluminense, por Paulista<sup>14</sup>; e em 1957, a Torcida Organizada do Botafogo, por Tarzã<sup>15</sup>, que substituíra Salvador Peixoto, veterano torcedor alvinegro da década de 1940<sup>16</sup>. No caso da cidade de São Paulo, a fundação da Torcida Uniformizada do São Paulo – constituída por sócios do clube, em sua maioria membros da classe média e estudantes da tradicional Faculdade de Direito do Largo do São Francisco<sup>17</sup> – data de 1940. Cogita-se ainda que a TUSP teria surgido antes, em 1939, sob o nome de Grêmio São-Paulino, no bairro da Mooca, sendo seu organizador e primeiro chefe Manoel Raymundo Paes de Almeida<sup>18</sup>.

No Rio de Janeiro e em São Paulo, as torcidas possuíam estreitos vínculos com os clubes, sendo por eles subvencionadas e tuteladas. Recebiam também o fomento da imprensa, por meio do incentivo a concursos de animação e a competições entre elas, com a intenção de criar estímulos para as partidas, tal como faziam o *Jornal dos Sports* no Rio de Janeiro e a *Gazeta Esportiva* em São Paulo desde a década de 1930.

---

<sup>14</sup> Paulista é o pseudônimo de Carlos Guilherme Krüger, filho de alemão com índia, nascido em 1914, na cidade de Bebedouro, no interior de São Paulo. Depois de uma carreira militar frustrada, radicou-se em Niterói, no ano de 1937, trabalhando como funcionário da Prolar e, em seguida, como almoxarife, em Vigário Geral. Com simpatia inicial pelo América, Paulista acabou por inclinar-se pelo Fluminense, clube que à época possuía um plantel com vários jogadores oriundos do estado de São Paulo. Em 1941, ano do lendário *Fla-Flu da Lagoa*, jogo que muito impressionou Paulista, em razão da briga entre integrantes da torcida rubro-negra com a torcida tricolor, que se estendeu do campo da Gávea até o hipódromo do *Jockey Club*, acabou por engajar-se como torcedor do Fluminense. Em 1951, já entrava em campo como torcedor-símbolo do time, fantasiado de casaca, cartola e portando uma caixa de pó-de-arroz. No ano seguinte, funda a Torcida Pó-de-Arroz. Além do futebol, integra a vida cultural carioca como carnavalesco, pertencendo ao bloco Pierrôs da Caverna. Cf. CARVALHO, J. A. de. **Torcedores de ontem e de hoje**. Prefácio de Néelson Rodrigues. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1968, p. 205-210.

<sup>15</sup> Pseudônimo de Octacílio Baptista do Nascimento.

<sup>16</sup> Cf. PEPE, B. & MIRANDA, L. F. C. de. **Botafogo, o glorioso**. Petrópolis, s.e., 1996, p. 123.

<sup>17</sup> Expressiva fração da juventude universitária de São Paulo fazia parte da TUSP, como a família Mesquita e os filhos de Paulo Machado de Carvalho. Cf. GIANOLI, M. G. M. **O torcedor de futebol e o espetáculo da arquibancada**. São Paulo: Dissertação de Mestrado em Comunicação e Artes / USP, 1996, p. 33 e 34.

<sup>18</sup> Já segundo o antropólogo Luiz Henrique de Toledo, a TUSP foi fundada em 1940 por Manoel Porfírio da Paz e Laudo Natel. Cf. TOLEDO, L. H. de. “Transgressão e violência entre torcedores de futebol”. **REVISTA USP**. São Paulo: s.e., 1994, p. 94, nº 22. É válido lembrar que Laudo Natel viria a se tornar governador do estado de São Paulo entre 1971 e 1975.

As torcidas daquele período possuíam em geral um líder que comandava de maneira carismática uma legião de aficionados por determinado clube. No Rio de Janeiro, os chefes de torcida eram figuras de destaque não só do futebol como de toda a cidade, sendo Jaime de Carvalho uma espécie de torcedor-oficial, encarregado pelas autoridades públicas, por ocasião da Copa do Mundo de 1950, do apoio à seleção brasileira<sup>19</sup>. Tal apoio teria prosseguimento no torneio seguinte, durante a Copa do Mundo da Suíça, em 1954. Com uma campanha promovida pelo *Jornal dos Sports*, o jornalista Mário Filho patrocinaria a viagem de Jaime de Carvalho a Berna, capital suíça. Naquela oportunidade, o torcedor voltaria a exercer a sua liderança, sendo aclamado *embaixador* da torcida brasileira. Chegava a entrar em campo junto com os radialistas, portando instrumentos musicais e estendendo a faixa com o seguinte lema de incentivo: *Avante, Brasil*.

Esse torcedor também viria a participar do Campeonato Sul-Americano, na Argentina, no mesmo ano de 1954. Sua mulher, Laura de Carvalho, se responsabilizaria pela confecção das maiores bandeiras do Brasil feitas até então, com oito por dez metros, que seriam drapejadas nos jogos. A utilização da bandeira constituiria um mecanismo eficaz de concentração e de aglutinação dos torcedores de um mesmo país nos estádios, fato inédito à época. Sua participação se estenderia até a Copa do Mundo da Alemanha, em 1974, a última antes de seu falecimento, dois anos depois.

Com uma origem social modesta e com uma ocupação em geral ligada aos estratos médios e baixos do funcionalismo público ou do pequeno comércio, estas personalidades eram vistas como exemplos emblemáticos dos padrões de conduta idealizados pelo meio esportivo<sup>20</sup>. Com o amparo da Polícia Militar, Jaime de Carvalho

---

<sup>19</sup> Cf. JORNAL DOS SPORTS. Rio de Janeiro, 23 de janeiro de 1968, p. 6. Cf. também LEVER, J. **A loucura do futebol**. Prefácio de Sandro Moreyra. Rio de Janeiro: Record, 1983, p. 133.

<sup>20</sup> Jaime de Carvalho era funcionário público federal do baixo escalão. Natural do estado da Bahia, radicou-se na cidade de Niterói em 1927. Após uma simpatia inicial pelo Fluminense, acabou por se

era responsável pela coordenação de campanhas de bom comportamento nos estádios. Através do auxílio de um megafone, o torcedor abordava as inconveniências do uso de fogos de artifício, do arremesso de garrafas no gramado e do emprego de palavras de baixo-calão nas arquibancadas.

Tais iniciativas serviam inclusive para amainar eventuais turbulências nas praças de esportes que assumiam cada vez maior vulto. A massificação do futebol, por seu turno, era expressa de forma mais concreta nas colossais proporções com que iam sendo projetados os estádios públicos, como o Estádio do Pacaembu (1940), em São Paulo, com capacidade para quarenta mil espectadores, e o Estádio Municipal do Rio de Janeiro (1950), o Maracanã, com capacidade máxima para duzentos mil torcedores.

A segunda fase de proliferação das torcidas organizadas deu-se em meio a um período marcado pela euforia da conquista do tricampeonato mundial pela seleção brasileira no México, pelo endurecimento do regime militar-ditatorial no país e pelas revoltas estudantis no mundo (Paris, Praga, Estados Unidos). Efetuou-se então um ciclo de dissidências e rupturas face às tradicionais torcidas de futebol, com o desencadeamento no Rio de Janeiro do fenômeno singular das *torcidas jovens*: em 1967, a Torcida Jovem do Flamengo; em 1969, a Torcida Jovem do Botafogo; em 1970, a Força Jovem do Vasco e a Torcida Young-Flu. As duas primeiras torcidas citadas nasciam sob a designação geral de Poder Jovem<sup>21</sup>, nome inspirado na luta pelos direitos civis norte-americanos, como o *Black Power*, o *Flower Power*, o *Young Power* e o *Panther Power*.

---

tornar torcedor-símbolo do Flamengo, passando a apoiá-lo regularmente após a obtenção de um emprego público estável. Já Tarzã era dono de uma loja de perucas em um sobrado no Centro do Rio. Assim como os grandes clubes, os times de porte médio e pequeno também possuíam seus torcedores-símbolos: Elias, do América; Juarez, do Bangu; Gama, do Campo Grande; Júlio, da Portuguesa; Hamilton, do Bonsucesso. Cf. CASTRO, K. de. “Paiol de emoção”. In: **Futebol brasileiro, o gigante a despertar**. Rio de Janeiro: Revan, 1994, p. 148. Cf. também LEVER, J. **op. cit.**, p. 126 e 133.

<sup>21</sup> Cf. REVISTA DA TORCIDA JOVEM DO BOTAFOGO. Rio de Janeiro: s.e., 1999, p. 7. n° 4.

Na cidade de São Paulo, surgiam em 1969 o Grêmio Gaviões da Fiel e a Torcida Jovem do Santos<sup>22</sup>; em 1970, a Torcida Uniformizada do Palmeiras e, em 1972, a Torcida Independente do São Paulo. Todas emergiam com a aspiração de uma maior autonomia frente às diretorias dos clubes. Tornavam-se autarquias, livres das peias clubísticas, com regimentos próprios e com liberdade para o protesto em ocasiões de crise da equipe. No decorrer da década de 1970, centenas de pequenas e médias associações torcedoras espocavam em vários pontos do país. Estas agremiações juvenis eram cada vez mais estruturadas à revelia dos clubes e dos meios de comunicação, que iam perdendo de maneira progressiva o controle e a capacidade de intervenção sobre elas.

Esse processo se estendeu até 1983, quando em São Paulo nasce a Mancha Verde, torcida criada com a fusão de três pequenas torcidas do Palmeiras, a Império Verde, a Inferno Verde e a Grêmio Alviverde. A Mancha Verde tinha o propósito explícito de autodefesa e de enfrentamento com as torcidas dos times adversários<sup>23</sup>. Embora o ano de 1983 seja marcado pela fundação de uma torcida vinculada de forma direta à imagem da violência, ele é o ano também de criação da Associação das Torcidas Organizadas do Rio de Janeiro (ASTORJ), fruto de uma tentativa de maior entrosamento e de uma abertura para o diálogo entre os representantes das torcidas de times rivais. Este movimento foi desencadeado pelos líderes das principais torcidas do Rio de Janeiro do período: Cláudio Cruz<sup>24</sup> e Roberto Branco<sup>25</sup>, da Raça Rubro-Negra; Ely Mendes, da

---

<sup>22</sup> A Torcida Jovem do Santos adotaria seu nome com base nas relações de amizade que mantinha com a Torcida Jovem do Flamengo, por intermédio de Tia Helena, líder da torcida em seus dez primeiros anos de existência (1967-1977).

<sup>23</sup> Segundo o depoimento de Paulo Rogério, fundador da Mancha Verde: “Nós costumamos dizer que foi um mal necessário, porque a torcida do Palmeiras, antes da criação da Mancha, era uma torcida muito escoraçada. Era uma torcida que apanhava de todo mundo. Era uma torcida desacreditada.” Cf. CASTRO, K. de. **op. cit.**

<sup>24</sup> Policial civil, Cláudio Cruz fundou a Raça Rubro-Negra em 1977 e esteve à sua frente até 1987.

<sup>25</sup> Roberto Luís Branco, funcionário administrativo do Banco Real, liderou a Raça Rubro-Negra entre 1987 e 1989, e esteve à frente da ASTORJ em 1989.

Força Jovem do Vasco; Niltinho<sup>26</sup>, da Torcida Jovem do Flamengo; *Seu Armando*, da Young-Flu; Russão<sup>27</sup>, da Torcida Folgada do Botafogo, entre outros.

As tentativas de relacionamento amistoso entre as torcidas organizadas ocorreriam ao longo daquela década. Em 1985, seria promovido o Simpósio da Paz. Já em 1987 seria a vez do I Congresso de Torcidas Organizadas dos Grandes Clubes, realizado na cidade de Porto Alegre. Neste mesmo ano, seria fundada a Associação Brasileira de Torcidas Organizadas. Apesar de tais esforços, estes encontros não prosperariam nos anos seguintes, com um novo recrudescimento das rixas e da intolerância entre as facções<sup>28</sup>.

Foi nos anos de 1970, durante o período da ditadura militar, que o Estado lançou mão de uma nova série de iniciativas a fim de promover a integração do futebol ao seu projeto ideológico. A organização dos primeiros campeonatos em nível nacional, o estabelecimento da loteria esportiva, as primeiras transmissões ao vivo pela televisão e a criação da Confederação Brasileira de Futebol foram medidas tomadas no intuito de se fazer uma efetiva articulação estatal ao redor do esporte de maior repercussão no país.

Além disto, o modelo arquitetônico do Maracanã foi estendido para várias capitais brasileiras, sendo os estádios popularizados sempre com os seus superlativos característicos: Mineirão, Batistão, Castelão, Mangueirão, Vivaldão, etc. Estas obras eram feitas sob a mesma égide das edificações monumentais da época, como a Rodovia Transamazônica, a Hidrelétrica de Itaipu, a Usina Nuclear de Angra dos Reis, a Ponte Rio-Niterói, entre outras obras vultuosas<sup>29</sup>.

---

<sup>26</sup> Apelido de Nilton Francisco, funcionário da Ultracred.

<sup>27</sup> Pseudônimo de João da Silva Faria.

<sup>28</sup> Cf. JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro, 31 de agosto de 1987, p. 7, Seção de Esportes. Cf. JORNAL DO BRASIL. **Torcidas Organizadas: as gangues da paixão** Rio de Janeiro, 22 de maio de 1988, Revista de Domingo.

<sup>29</sup> Cf. ARQUIVO NACIONAL. “1964-1980: tempos sombrios”. In: **Arquivo Nacional, 150 anos: visão histórica**. Rio de Janeiro: Editora Index, 1988.

Segundo o sociólogo Maurício Murad – coordenador entre 1991 e 1996 da primeira pesquisa sistemática sobre o fenômeno das torcidas organizadas, no Núcleo de Sociologia do Futebol da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) – o momento de sistematização da violência torcedora no futebol pode ser identificado na década de 1970, sob a voga ditatorial:

“Historicamente, as torcidas organizadas violentas surgiram na década de setenta, no auge da ditadura militar. Em especial entre 1969 e 1973, nasceram as ‘organizadas’ (‘uniformizadas’ em São Paulo), que, hoje, atemorizam o país. Fundadas na conjuntura superior do Estado neofascista, implantado no Brasil a partir de 1964, sua gênese foi demarcada pela ideologia da violência política, definidora do período ‘AI-5 – Médici’. Alimentadas por uma visão de mundo intolerante e excludente, de fundamento antidemocrático, sua prática não poderia ser outra, que esta acumulada em sua experiência contemporânea: a competitividade selvagem, o antagonismo opressor, a invasão territorial e a eliminação das diferenças pelo uso da força.”

\*

“A mudança de comportamento das ‘organizadas’ levou de dez a quinze anos desde sua gestação, até sua presença nas páginas policiais. De **carnealizadas** passaram a ser **militarizadas**, seguindo as doutrinas e os padrões do militarismo então vigente, que se entranhava em todos os setores da sociedade. Estas torcidas, em decorrência, foram se estruturando em ‘pelotões’, ‘destacamentos’, ‘esquadrões’, ‘tropas-de-choque’, ‘comandos’, ‘exércitos’, ‘famílias’... sim, família, mas no sentido mafioso do conceito. Além disto, seus líderes são chamados ‘capitães’, ‘tenentes’, ‘sargentos’. Seus símbolos são militares, como

também o são suas relações de poder, hierarquia interna e coesão grupal.”<sup>30</sup>

A militarização, a hierarquização e a burocratização seriam o legado funesto do regime político do país sobre muitas instituições civis da sociedade brasileira e, no caso, sobre a maioria das torcidas organizadas. Haveria, por conseguinte, de acordo com o autor, uma homologia entre o uso arbitrário da força física do período e a criação de uma força corporativa, organicamente vinculada à violência, no universo futebolístico.

Por outro lado, a cultura da violência seguia também o que se pode chamar de uma maneira genérica de *cultura jovem*. Ela traduzia a fase de mudança de perfil do público torcedor dos estádios, cuja frequência masculina e juvenil passava a se tornar preponderante. A transição das torcidas carnavalizadas às torcidas militarizadas obedecia a esta nova configuração de faixa etária e de gênero nas praças esportivas. Atributos como *juventude e poder, força e raça, império e garra*, estampados nas nomenclaturas das próprias torcidas, eram as expressões de identidade preconizadas pelos novos clubes de torcedores, que visavam suplantam os antigos modelos associativos até então vigentes.

E é sobre esse período histórico – a ditadura militar – e sobre esse objeto – as torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro – que incide o interesse de nossa pesquisa. Ela apresenta como questão mais estrita o acompanhamento do processo de cisão entre os dois modelos principais de torcida e as estratégias de auto-afirmação subjacentes à fundação das *torcidas jovens cariocas* naquele contexto. Com base na invenção de um modo de ser jovem, operado em escala internacional sob o signo da rebeldia, da contracultura e da vida alternativa, procura-se entender os novos

---

<sup>30</sup> Cf. MURAD, M. “Futebol e violência no Brasil”. In: MURAD, M. (et al.). **Futebol: síntese da vida brasileira**. Rio de Janeiro: UERJ, Departamento Cultural/ SR-3, 1996, p. 96 e 97.

significados impressos às mudanças de comportamento daquelas torcidas em escala local.

Já a questão mais ampla de nosso projeto diz respeito às relações entre o futebol e a conjuntura política da época, tema sempre muito controvertido no imaginário nacional, como se pode depreender do filme *Pra frente Brasil*, de Roberto Farias (1982). Com o seu lançamento às vésperas da Copa do Mundo da Espanha, já no fim do ciclo presidencial autoritário, o cineasta procurava retratar a perseguição sofrida por opositores do regime militar, escamoteada pela propaganda governamental em torno dos jogos e das comemorações da conquista brasileira do tricampeonato no México, em 1970. Em última instância, levava-se para as telas a versão consagrada de que o futebol constituía um elemento alienante da população. Por meio da utilização deste esporte, a ditadura legitimava o seu governo, desvirtuava a conscientização popular e encobria a realidade da tortura a presos políticos do período.

Essa imagem adquiria ainda maior notoriedade em toda a América do Sul, com a realização da Copa do Mundo da Argentina, em 1978. Sob os auspícios de um governo militar discricionário, o futebol argentino também havia sido um meio de despiste e de desvio das graves violações dos direitos humanos naquele país. No Chile, mesmo quando não foi palco de disputa internacional, como em 1962, o Estádio Nacional de Santiago teve sua imagem associada ao genocídio após o golpe de 1973, quando os militares alojaram e assassinaram naquele local milhares de presos políticos. Em menor grau, o Brasil também assistiu a este fenômeno de utilização das dependências desportivas como presídios. Isto sucedeu com o Estádio de Caio Martins, em Niterói, no ano de 1964, e com o Estádio de General Severiano, no Rio de Janeiro, em 1968, onde ficaram encarcerados centenas de estudantes.

Sem a intenção de refutar o argumento da apropriação explícita do futebol em períodos históricos determinados, o ponto a ser focado aqui procura nuançar um pouco mais essa visão, que tende ao maniqueísmo na abordagem das relações entre cultura e política, entre esporte e sociedade. A ênfase volta-se então para a discussão do lugar de um segmento social emergente, as torcidas organizadas, no conjunto das instituições civis da época, com a identificação mais pormenorizada dos compassos e descompassos entre elas e os mecanismos ideológicos de controle do Estado. Tenciona-se assim situar as torcidas de futebol no debate sobre as demais organizações do período, pondo em relevo as tensões, os conflitos e as vicissitudes inerentes ao cotidiano de cada uma delas.

Com a repressão e o arrefecimento de partidos políticos, sindicatos, igrejas e uniões estudantis, as formas de participação na sociedade brasileira tornaram-se extremamente túbias e limitadas, voltando a recrudescer em fins da década de 1970, com as greves operárias no ABC paulista. Não obstante, as organizações de caráter comunitário que se mantiveram sob a legalidade naquele momento, como comunidades eclesiais de base, associações de moradores, escolas de samba, torcidas de futebol, entre outras, podem ser uma boa maneira de se chegar ao entendimento de novos métodos de expressão popular, ainda que em pequena escala e com alcance restrito. Seguindo-se a lição da micro-história italiana, em que a perspectiva fragmentária pode servir para uma nova iluminação do todo, parece-nos que a observação deste fenômeno considerado periférico no universo do futebol também pode levar à compreensão de questões políticas, sociais e culturais centrais do final da década de 1960 e do decorrer da década de 1970.

## 2. Objetivos

- contribuir para a superação de uma lacuna na historiografia brasileira acerca do objeto em questão. Se o futebol logrou em período recente legitimidade acadêmica e historiográfica<sup>31</sup>, é possível afirmar que o mesmo ainda não sucedeu com estas agremiações torcedoras e com seus respectivos atores sociais, que permanecem sem reconhecimento e sem visibilidade na sociedade mais abrangente<sup>32</sup>. Isto se deve ao fato também de que as torcidas organizadas têm sido até o momento um campo de pesquisa desenvolvido em sua maioria por cientistas sociais. Estes, por sua vez, possuem interesse sobre o fenômeno centrado na contemporaneidade. Assim, a utilização da perspectiva histórica vem sendo feita com um fim marcadamente retrospectivo e diacrônico. Parece importante um exame mais detido das torcidas organizadas, com vinco na História Social da Cultura;
- contribuir para o reconhecimento das torcidas organizadas como *movimentos sociais* que podem ser integrados nas formas de participação e na vida associativa das grandes cidades, durante a segunda metade do século XX. Se até hoje a ênfase sobre este fenômeno tem recaído em sua maior parte sobre os aspectos de marginalidade típicos da vida urbana, o intuito aqui é a reorientação da discussão em favor de uma análise à luz da rede de relações sociais de um ambiente comunitário no interior da sociedade de massas. Neste sentido, busca-

---

<sup>31</sup> A referência mais apropriada, no terreno estrito da historiografia, é a obra de Leonardo Pereira. Cf. PEREIRA, L. A. de M. **Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. Cf. também FRANZINI, F. **Corações na ponta da chuteira: capítulos iniciais da história do futebol brasileiro (1919-1938)**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

<sup>32</sup> A ausência de reconhecimento destes grupos pode ser percebida no próprio meio universitário. Em coletânea de estudos organizada pelo antropólogo Hermano Vianna, sobre grupos jovens do Rio de Janeiro, em suas mais variadas formas de expressão, as torcidas organizadas, entidades eminentemente juvenis, não chegaram a ser alvo de atenção específica. Cf. VIANNA, H. (org.). **op. cit.**

se apreender as especificidades de conformação de uma sociabilidade carioca em torno dos esportes;

- contribuir para a ampliação do escopo de investigação das torcidas organizadas.

Com a utilização de depoimentos de antigos torcedores, a finalidade é também beneficiarmo-nos do desenvolvimento da História Oral no Brasil, que nas últimas décadas tem se revelado um instigante recurso metodológico, uma fonte de discussão teórica e um meio de percepção dos limites e das potencialidades referentes aos paradigmas científicos da disciplina;

### **3. Quadro teórico-metodológico**

Sob o ponto de vista teórico, a obra do sociólogo alemão Norbert Elias (1897-1990) pode ser um ponto de partida adequado à apreensão do fenômeno das torcidas organizadas. Isto porque após o desenvolvimento de seus principais fundamentos na Alemanha durante a década de 1930, acerca do *processo civilizador* na história europeia, o autor iria transferir-se para a Inglaterra, onde o tema dos esportes modernos ensejaria um novo campo analítico para a comprovação de seus postulados.

A partir da década de 1950, no exercício de orientação de alunos que se dedicavam a teses sobre a gênese social do *rugby*, do *football* e do *cricket*, Norbert Elias podia averiguar a maneira pela qual as aristocracias e as burguesias da Europa iam se apropriando entre os séculos XVI e XIX do monopólio da violência e iam de modo gradativo inculcando padrões de civilidade, por meio das regras de etiqueta e do autocontrole de sentimentos e emoções. No caso inglês, ao longo do século XIX, o autor e seus orientandos demonstraram de que modo os esportes, com o seu conjunto de

regras disciplinares e com a coibição do emprego da violência física, assumiram esta função na alteração de comportamentos e sensibilidades.

Assim, Norbert Elias, Eric Dunning, entre outros, analisaram a trajetória do futebol como esporte amador inventado pela elite britânica, que de forma paulatina seria assimilado e profissionalizado pelas classes populares, mormente pelos setores operários, vindo também em seguida a se espalhar com celeridade por vários países do mundo. Com base em ensaio biobibliográfico do antropólogo José Sérgio Leite Lopes<sup>33</sup>, que serve de guia na exposição do pensamento de Norbert Elias, é possível a percepção da maneira pela qual tal autor dedicava-se ao delineamento das propriedades estruturais do fenômeno esportivo moderno e dos fatores que impulsionavam sua rápida difusão. A relativa igualdade de oportunidades entre os competidores, o prazer provocado pela tensão de um combate simulado e as expectativas de relaxamento ao final da partida, com a vitória de sua equipe, induziam à catarse das massas.

Mas, nas décadas de 1970 e 1980, tais autores se deparariam com uma questão paradoxal na definição do sentido do *processo civilizador* no futebol: a escalada de violência entre os torcedores. Após a realização da Copa do Mundo de 1966, na Inglaterra, o aparecimento dos *hooligans* ingleses se mostraria um fator de inquietação para a sociedade. Vistos pelo senso-comum como arruaceiros e bárbaros<sup>34</sup>, que descontavam suas frustrações pessoais cotidianas em dias de jogos, seja nos estádios seja nas suas imediações, os valores apregoados por estes grupos pareciam colidir com todos os princípios racionais dos desportos desde a sua instituição na modernidade.

---

<sup>33</sup> Cf. LOPES, J. S. L. “Esporte, emoção e conflito social”. In: **Mana – Estudos de Antropologia Social**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995, p. 148 e 149.

<sup>34</sup> Esta visão de senso comum era endossada também por jornalistas que trabalhavam na chave do sensacionalismo, como o repórter norte-americano Bill Buford, que conviveu durante muitos anos com vários torcedores de diferentes clubes da Europa. Cf. BUFORD, B. **Entre os vândalos: a multidão e a sedução da violência**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

Em vista disso, Norbert Elias via-se diante de um novo desafio teórico. Os públicos esportivos haviam sido forjados de maneira correlata à invenção dos espetáculos de massa, mas a busca da excitação – força motriz do ato de torcer – acabava por se sobrepor ao controle das emoções. A apresentação de uma justificativa para o caso propiciou ao autor o esclarecimento de sua própria teoria, uma vez que ele demonstrava a não-linearidade de seu conceito e a idéia da possibilidade de recorrência de processos de *descivilização* em momentos históricos precisos.

Segundo o sociólogo alemão, os ritos de violência entre os torcedores estão associados à ineficácia dos mecanismos de autocontrole de uma dada sociedade. A sua vigília constante é uma premissa que deve ser estendida como *habitus* social à maioria da população. Além disto, os problemas relativos às torcidas de futebol não devem ser tratados como peculiares a elas; ao contrário, para o autor, eles devem ser percebidos como um sintoma mais global do meio envolvente. Norbert Elias tinha em mira mostrar como a sociedade, ao se reger pela polaridade *established-outsiders*, contribuía para a ampliação de uma situação social de marginalidade entre estes indivíduos. Conforme o diagnóstico do autor, este tipo de manifestação era a contrapartida de experiências humanas pautadas pelo vazio da existência, pela abundância da publicidade e pela oferta do consumo, apenas acessível a uma pequena fração da sociedade, fato que desencadeava um acentuado ressentimento social por parte de grupos segregados. Tal situação se verificou na Europa algumas décadas depois da Segunda Guerra Mundial, com a sedimentação da cultura de massas.

No Brasil, a obra do antropólogo Luiz Henrique de Toledo é uma das principais referências no assunto. Em sua pesquisa das principais torcidas organizadas de São Paulo, o autor procurou desvencilhar-se das generalizações do fenômeno e salientou as particularidades das características dos torcedores brasileiros em relação aos torcedores

européus. Apesar de várias semelhanças, continuidades e correlações, uma série de diferenças substantivas pode ser notada entre eles.

O *hooliganismo* inglês é um movimento histórico da década de 1960, catalizador de grupos alheios ao esporte, como os *skinheads*, de origem proletária, que vislumbraram no futebol um meio de expressão de sua insatisfação social e até de enfrentamento com as instituições totais. Por outro lado, a morfologia das torcidas organizadas no Brasil apresenta uma origem social difusa, heterogênea, e não se distingue por um viés ideológico claro para além da dimensão esportiva. Os *hooligans* utilizam-se do anonimato entre a multidão para burlar a inspeção policial e provocar tumultos, ao passo que as torcidas brasileiras valem-se do uso de vestimentas e de todo tipo de símbolos para a sua identificação. Luiz Henrique de Toledo condiciona a percepção do fenômeno aos desenvolvimentos históricos e culturais de cada país, o que enriquece a abordagem e a afasta de uma visão reducionista.

A abordagem do autor é oportuna também, pois vai ao encontro das análises feitas pelo antropólogo francês Christian Bromberger acerca do mesmo objeto. Amparado em uma etnografia dos principais clubes de torcedores nas cidades de Marselha, Turim e Nápoles, este autor pôde perceber a existência de um modelo alternativo ao tipo de torcida inglesa e, com isto, reconsiderar a univocidade das estruturas torcedoras. Haveria, destarte, duas configurações históricas esquemáticas de torcidas européias.

A primeira se irradiou a partir da Inglaterra, em fins da década de 1960, e estendeu seu arco de influência sobre a Europa setentrional, em especial sobre a Alemanha, além de ter atingido o norte da França. Sua formação social é homogênea, sua coesão interna é bem acentuada e associa-se com maior intensidade aos contingentes juvenis do proletariado. Seus membros são de difícil localização no cotidiano e avultam apenas nos dias de jogos. Já o segundo modelo foi difundido na Itália durante a década de 1970 e

sua propagação se deu em maior grau na Europa meridional, com destaque para a Espanha e para o sul da França. Com um tecido social menos uniforme e com uma composição mais híbrida, as torcidas latinas procuraram se congregar através da institucionalização. A distribuição territorial em grupos e subgrupos, a veiculação de revistas próprias e a ritualização de certas práticas permitiram-lhes uma maior integração na sociedade.

Esse ponto parece decisivo na orientação do trabalho, pois enseja a captação em potencial de uma pluralidade de formações históricas sobre torcidas passíveis de serem apreendidas para além do âmbito europeu. Malgrado sua grande influência, o caso inglês não seria um paradigma irredutível a que todas as demais deveriam se sujeitar. A eleição de novos focos de pesquisa contribuiria para o enriquecimento deste ponto, sejam os *ultras* franceses, sejam os *tifosis* italianos, sejam os *barra-bravas* argentinos, sejam as *torcidas jovens* cariocas. Por isto, a intenção aqui é o aprofundamento dos significados atribuídos pelos agentes - torcedores - acerca de suas entidades - torcidas organizadas - em um diverso contexto temporal e espacial - o Rio de Janeiro das décadas de 1960, 1970 e 1980.

\*

A metodologia de pesquisa circunscreve um conjunto de procedimentos, que vão de entrevistas com torcedores à leitura de periódicos da época. A escassez de materiais catalogados torna mais difícil o estudo sistemático destas agremiações. Apesar disso, a proposta de trabalho é o escrutínio das seguintes fontes:

1º) acompanhamento serial do *Jornal dos Sports* entre os meses de setembro de 1967 e dezembro de 1983. A justificativa para a utilização deste jornal, com o qual já trabalhamos no mestrado, diz respeito à sua condição de referência principal no meio esportivo carioca do período. Um dos intuitos é dar atenção à seção de cartas, *Bate-*

*Bola*, onde a livre-expressão dos leitores-torcedores adquire maior relevo. Outro ponto importante na escolha deste periódico é o fato de ele reservar, embora fosse um jornal esportivo, considerável espaço à crítica de cinema, de teatro e de música popular, e às reportagens de interesse estudantil, como a preparação para o vestibular, o que contribuiu para a visualização dos esportes em um quadro cultural mais amplo. Além disto, a relevância do *Jornal dos Sports* pode ser percebida com a presença diária da charge de Henfil e da crônica de Nelson Rodrigues. Foi nele também que surgiu o suplemento *Sol – o Jornal do Poder Jovem*, que meses depois circularia como periódico independente e se tornaria um marco cultural da época;

2º) acompanhamento da Revista Placar entre janeiro de 1970 e dezembro de 1983. Esta revista mensal, uma iniciativa da Editora Abril na época, que se destacava pela publicação também de fascículos, discos, livros e uma gama de bens culturais de grande importância, viria a se tornar uma referência esportiva nacional;

3º) coleta de depoimentos com fundadores e antigos líderes das mais destacadas torcidas organizadas do período. A seleção compreende cinco associações: Torcida Jovem do Flamengo (1967), Torcida Jovem do Botafogo (1969), Força Jovem do Vasco (1970), Torcida Young-Flu (1970) e Raça Rubro-Negra (1977). As entrevistas, de caráter qualitativo, têm um número previsto entre seis e doze relatos;

4º) pesquisa nos arquivos das torcidas organizadas acima assinaladas, em suas sedes sociais e administrativas no Centro e na Zona Norte da cidade, com o recurso a todo tipo de material público e privado: jornais, revistas, cartas, correspondência, endereços eletrônicos e iconografia;

#### 4. Hipóteses

- a hipótese mais geral é a de que há uma relação inextricável entre as torcidas organizadas, os clubes e os meios de comunicação ao longo da história do futebol brasileiro, em especial durante a segunda metade do século XX. Contudo, o período histórico focado representa um momento em que tal relação se esgarça, pois a afirmação identitária destes grupos tem como pressuposição a conquista daquilo que entendem por emancipação. No intuito de alcançar a autonomia, uma série de outras relações é acionada. Dentre elas, é possível mencionar a vinculação geográfica – associações torcedoras que têm por elo bairros e suas redes vicinais, tal como sucedeu na época de fundação dos clubes de futebol no início do século XX – e a vinculação etária – indivíduos que se agrupam consoante uma identidade estudantil e juvenil;
- a hipótese seguinte é a de que a emergência das torcidas organizadas no período assinalado pode servir para uma relativização da condição de onipotência creditada à ditadura militar sobre o controle dos significados do futebol na vida social brasileira durante a década de 1970. Se a manipulação da ufania esportiva por parte de governos autoritários parece ser um mecanismo consensual de desmobilização das classes trabalhadoras, a compreensão dos diferentes sentidos impressos por estas agremiações torcedoras à sua atuação na esfera futebolística pode propiciar uma distinta percepção do fenômeno. Surgidas com um perfil de oposição frente à política interna dos clubes, as *torcidas jovens cariocas* da virada dos anos de 1960 para a década de 1970 deram início à configuração de uma nova rede de sociabilidade dentro dos estádios e fora dele, ora assimilando ora passando ao largo das determinações dos principais órgãos da política desportiva nacional;

- outra hipótese aventada é a de que, embora os atores sociais abordados apresentem o advento das *torcidas jovens cariocas* em termos de clivagem face ao tradicional modelo das torcidas de futebol, é pertinente identificar não apenas divergências como convergências na estruturação destes grupos. Ao contrário da impessoalidade, da burocratização e da militarização tributadas a estas torcidas, pode-se perceber nestas agremiações, durante tempo histórico considerável, elementos comunitários e tradicionais, gregários e lúdicos próximos ao que é visto como o antigo paradigma organizacional. Exemplo disto é a preeminência da figura do líder e do chefe nestes agrupamentos que, embora passem a se valer cada vez mais de organogramas e de uma base estatutária mais sofisticada, continuam na dependência de uma *dominação carismática* e de uma *solidariedade mecânica*. Com isto, tem-se como intento a matização dos processos de transformação social, liberando-os de uma esquematização rígida;
- ao sustentarmos que o rompimento entre os clubes e as torcidas organizadas é sempre parcial, propõe-se como hipótese a idéia de que ambos têm eixos próprios, mas são igualmente pólos dependentes e reciprocamente relacionados. É possível dizer, utilizando-se termos da física, que as torcidas apresentam tanto um movimento de rotação quanto um movimento de translação: sua existência gravita em torno dos clubes, de que são satélites, na mesma proporção que em torno de si própria. Proposta esta imagem, vale dizer que é a dinâmica social e as circunstâncias de interação entre os atores sociais em épocas específicas que determinam a aproximação e o distanciamento dos dois eixos;

## 5. Ementário

A fim de alinhar essas hipóteses em nossa futura tese de doutorado, segue uma divisão temática com três eixos principais, que devem ser desdobrados em três respectivos capítulos:

### 1º) *Fenomenologia do torcedor*

A proposta básica é o estabelecimento de uma definição histórico-conceitual do torcedor de futebol. Entendido em um momento inicial como espectador e mero assistente, é possível perceber uma série de mutações de sentido por que passou a categoria *être supporter* ao longo do século XX, tal como delineou o sociólogo francês Nicolas Houcarde<sup>35</sup>. Ao franquear uma gama de significados, a definição original que atribui ao torcedor um princípio passivo – assistência – foi alterada em prol de uma nova acepção. Esta salienta a sua dimensão interativa e participativa. Tal processo culminou na conquista de uma relativa autonomia do ato de torcer no campo esportivo durante a segunda metade do século XX. Para dar mais subsídios à observação deste fenômeno, procuraremos fornecer uma perspectiva comparada com outras modalidades esportivas, em especial o basquete e o boxe, e com outros espetáculos também presentes na modernidade, como o balé e os concertos musicais. O cotejo dos esportes com as artes, sobretudo com o teatro e o cinema, pode incrementar também a percepção de conjunto do fenômeno futebolístico, na medida em que, em ambos, está presente o fenômeno da contemplação e da fruição do espetáculo, seja ele de massas ou de elite. A intenção ainda é o estabelecimento de uma análise de discurso dos fundadores e líderes das torcidas organizadas cariocas. Com base na apreciação das entrevistas, o objetivo é a articulação da memória individual do depoente com as representações em torno da

---

<sup>35</sup> Cf. HOUCARDE, Nicolas. “La place des supporters dans le monde du football”. In: **Pouvoirs – Revue Française d’Études Constitutionnelles et Politiques**. Paris : s.e., 2002, n° 101.

torcida, da cidade e do país naquele período. O exame do material coletado facultará a observação da maneira pela qual são urdidas, da parte dos entrevistados, as suas próprias trajetórias de vida.

## 2º) *Poder Jovem*

Esta seção prevê o desdobramento da discussão que no primeiro capítulo se coloca em âmbito mais teórico. Se o foco anterior está centrado na emergência da figura do torcedor, o alvo aqui se desloca para o produto do empenho destes personagens no cotidiano do Rio de Janeiro da década de 1970: as torcidas organizadas. A materialização destas entidades traz como significado não apenas o desejo de incentivar de forma mais orgânica uma equipe, mas uma série de conotações ideológicas, geográficas, políticas e culturais que não necessariamente passam pelos limites espaciais dos estádios. As praças de esportes tornam-se receptáculo de um conjunto de influências que para elas se canalizam naquele momento. O crescimento da presença juvenil nos estádios constitui um dado importante a este respeito, uma vez que um número considerável destas agremiações surge sob a iniciativa de grupos de estudantes. Por isto, a existência de traços oriundos da contracultura no ambiente das torcidas deve ser averiguado. A intensificação da presença masculina também merece ser ressaltada, pois é neste período que as torcidas organizadas assistem a uma gradual homogeneização em seu perfil, deixando de ser mais mescladas<sup>36</sup>, tanto do ponto de vista etário quanto de gênero. A dimensão política destes novos agrupamentos no contexto esportivo será igualmente objeto de atenção, já que, com eles, assiste-se à transição das *torcidas de clube* para as *torcidas de time*. Este é o primeiro momento em que desponta um caráter reivindicativo e sindical, por assim dizer, das torcidas. Com a

---

<sup>36</sup> Dulce Rosalina – a *primeira dama das arquibancadas* – liderou durante vinte anos a Torcida Organizada do Vasco (1956-1976). Já Jaime de Carvalho comandou entre 1942 e 1976 a Charanga do Flamengo ao lado de sua mulher, Laura de Carvalho.

inversão de sua lógica inicial e a passagem do incentivo ao protesto, o exercício de uma influência externa sobre a esfera clubística, fato até então inédito ou esporádico, torna-se cada vez mais sistemático.

### 3º) *As invenções do espetáculo*

A finalidade aqui é o desenvolvimento de questões relativas ao futebol como esporte de massa, o que permite uma retomada de pontos levantados no primeiro capítulo. A mobilização de multidões em torno de determinados espaços públicos já foi tema de investigação por parte de estudiosos de vários movimentos oficiais e populares ao longo do século XX: greves, comícios, desfiles, paradas militares, funerais, entre outros. Nas décadas de 1960 e 1970, fenômenos musicais como o *rock and roll* aglomerariam grandes contingentes de jovens, dentro dos parâmetros de formação dos *mass media*, da sociedade do espetáculo e da indústria fonográfica. O destaque vai para a importância dos espetáculos esportivos neste período, o que pode ser aferido na arquitetura dos estádios e na sua ingerência estatal. O sentido monumental impresso ao futebol é naquele período melhor traduzido na conjugação entre a dimensão arquitetônica e a dimensão política dos estádios. A projeção da nação na imagem sócio-espacial dos estádios parece atender a estes imperativos de grandiosidade da época. Se, por um lado, a estrutura elíptica e ascensional do Maracanã – assumida como modelar pela ditadura na edificação de estádios no país – simboliza esta imposição nas formas de se representar tanto a integração quanto a separação das classes sociais no Brasil, por outro não é possível dizer que haja uma recepção inercial a este fato por parte do público espectador. Como exemplo, ressalta-se o fato de que as torcidas organizadas constituem não apenas uma *força estranha*<sup>37</sup>, como também um *corpo estranho* no

---

<sup>37</sup> Cf. ARAÚJO, R. B. de. “Força estranha”. In: **Revista Ciência Hoje**. Rio de Janeiro, s.e., 1982, p. 32-37, julho / agosto.

decorrer da implementação deste processo. *Corpo estranho* na medida em que elas vão introduzindo ao longo da década de 1970 uma série de distinções no interior desta massa, em princípio amorfa, e deste espaço, em princípio estanque. Dentre as marcas e inovações que são gradativamente criadas pelas torcidas organizadas, algumas requerem atenção especial, como fenômenos relativos à transgressão, à linguagem, à música e à viagem. A fidelidade do torcedor ao seu clube cristalizou-se nas torcidas organizadas com a viagem de acompanhamento a ele no circuito de estádios do país, após a fixação do Campeonato Brasileiro, em 1971. Com base nesta espécie de missão peregrina, o deslocamento territorial acionou uma pluralidade de significados que transcendem os meramente esportivos. Assim como a viagem, o procedimento da bricolagem, com a incorporação de expressões vocabulares e de canções no repertório musical destas agremiações, atesta um elemento criativo e adaptativo das torcidas nas praças de esporte. Uma distinta semântica pode então ser cunhada no âmbito esportivo, o que revela o seu caráter dinâmico, fluido. Procura-se então desenvolver a idéia de que as torcidas organizadas são capazes de integrar novos elementos ao universo ideológico do futebol, sem estar *a priori* em contraposição frontal ou em adesão irrestrita a ele.

## **6. Esboço de capítulo**

Observação: o texto a seguir constitui uma tentativa provisória de sistematização da pesquisa realizada até o momento, seja nos arquivos das torcidas, seja nos acervos da Fundação Biblioteca Nacional. O conteúdo aqui apresentado corresponde ao que no Ementário vem descrito como segundo capítulo.

## Torcidas organizadas, jornalismo esportivo e contracultura

“A torcida organizada / Derruba a cachorrada !”<sup>38</sup>

O segundo semestre do ano de 1966 assinalaria não apenas a perda da seleção brasileira de futebol na Copa do Mundo da Inglaterra. O abalo com a derrota e com o medíocre desempenho naquele torneio internacional, adiando para o país a conquista do inédito tricampeonato, seria seguido pelo pesar com o desaparecimento de uma das figuras mais atuantes e proeminentes do mundo esportivo: Mário Filho. Aos cinquenta e oito anos de idade, o falecimento do jornalista pernambucano representava o fim de uma vida que se confundia até então com a própria história do futebol profissional e com a criação dos maiores espetáculos de massa no Brasil. Durante o período que se estende por quatro décadas – dos anos de 1920 aos anos de 1960 –, Mário Filho exerceu larga influência sobre área do esporte, da cultura e da política. No Rio de Janeiro, foi reconhecido como introdutor de um novo modelo de crônica esportiva e como promotor do Desfile das Escolas de Samba na década de 1930.

Os superlativos atribuídos a Mário Filho, por ocasião de seu falecimento, não se restringiram ao âmbito retórico e mobilizaram de igual maneira ações concretas com o intuito de fixar uma imagem grandiosa do jornalista para a posteridade. Por sugestão de Valdir Amaral e Nelson Rodrigues, a câmara de vereadores da cidade do Rio de Janeiro deu o nome do jornalista ao Estádio Municipal do Maracanã. O *Jornal dos Sports*, de que fora diretor-proprietário durante trinta anos (1936-1966), também lhe prestou uma

---

<sup>38</sup> Grito de protesto da Torcida Jovem do Flamengo, no Maracanã, em 1968, contra a diretoria do clube. O grito era uma adaptação de um *slogan* das passeatas estudantis daquele ano no Rio de Janeiro: “O povo organizado / Derruba a ditadura !”. Cf. JORNAL DOS SPORTS. Rio de Janeiro, 29 de setembro de 1968, p. 4.

série de homenagens póstumas, passando a ser veiculado com o subtítulo: o jornal de Mário Filho.

No caso desse periódico, entretanto, o impacto da morte de seu principal artífice acarretava mudanças significativas. De maneira análoga à época do falecimento de seu pai, Mário Rodrigues, dono na década de 1920 dos jornais *A Manhã* e *A Crítica*, que viriam a ser empastelados pela Revolução de 30, a morte de Mário Filho trazia para a família novos desafios na condução de sua empresa e no prosseguimento de um projeto de jornalismo esportivo que havia se tornado hegemônico no Rio de Janeiro e no Brasil.

Mário Júlio Rodrigues acabou por assumir a mais alta posição que havia pertencido a seu pai no jornal. A sucessão, contudo, não constituiria nos anos seguintes uma mera transferência de poder na manutenção de uma herança patrimonial. Assim como havia sucedido entre o avô e o pai, onde este último vislumbrou nos esportes, segundo o antropólogo José Sérgio Leite Lopes<sup>39</sup>, um novo meio de fazer política, o representante da terceira linhagem desta árvore genealógica também iria imprimir uma marca específica na esfera do jornalismo esportivo, no final da década de 1960. É possível perceber com o sucessor um alargamento considerável no conceito de jornalismo esportivo vigente até aquela altura. Além das alterações de conteúdo, o novo estilo do jornal se coadunava às reformas gráfico-editoriais que já haviam ocorrido em outros periódicos, como as efetuadas, por exemplo, por Jânio de Freitas no *Jornal do Brasil*, em fins de 1950.

A inflexão nos rumos do jornal não se daria sem dificuldades e levaria a graves dificuldades financeiras, que ao longo do tempo tentariam ser sanadas pelo diretor do periódico. A proposta central consistia na diversificação do público-alvo do *Jornal dos Sports* e na ampliação do escopo temático de suas reportagens. Se o noticiário esportivo

---

<sup>39</sup> Cf. LOPES, J. S. L. “A vitória do futebol que incorporou a pelada”. In: **Revista USP**. São Paulo: s.e., 1994, n° 22, p. 78 e 79.

continuava sendo a linha mestra do jornal, logo ele passava a conviver com outra ordem de interesses, como o jornalismo estudantil e o jornalismo cultural. Embora Mário Filho já tivesse desenvolvido com maestria a união entre o futebol e a música popular desde a década de 1930, os esportes passavam agora a serem integrados em um contexto mais amplo, que abrangia também assuntos relativos à cultura, à educação e à juventude. Seu público-leitor, circunscrito à cobertura diária dos jogos e dos treinos de suas equipes, adquiria um novo perfil ou tinha de se acostumar ao aparecimento de uma série de suplementos, que encontravam grande ressonância na sociedade e que extrapolavam o ambiente dos desportos.

De maneira concomitante, o jornal adotava duas estratégias para a expansão de seu número de consumidores. Por um lado, continuava a incitar a paixão dos torcedores por seus times, fazendo com que as tiragens atingissem, nos dias seguintes à disputa dos clássicos cariocas, uma venda de até sessenta e cinco mil exemplares<sup>40</sup>. Por outro, implementava novos padrões jornalísticos, com a contratação de profissionais de alto gabarito e com o lançamento de encartes que chamariam a atenção do meio artístico nacional. Tal qual o número de páginas, o quadro de colaboradores aumentava de maneira considerável, com uma equipe de jornalismo formada, por exemplo, por Zuenir Ventura e Ana Arruda Callado; com um grupo de chargistas constituído, entre outros, por Ziraldo, Jaguar e Henfil; ou com uma crítica de música assinada pelo tropicalista Torquato Neto. Os principais suplementos que se acoplavam ao periódico eram o *Cultura JS*, o *Cartum JS*, o *JS Escolar* e, depois, *O Sol*, uma espécie de caderno cultural que servia de livre experimentação para aprendizes e neófitos do jornalismo.

Lançado em setembro de 1967, *O Sol* circularia durante dois meses em conjunto com o *Jornal dos Sports* para, em seguida, adquirir autonomia. Não obstante, já em

---

<sup>40</sup> Cf. MORAES, D. de. **O rebelde do traço: a vida de Henfil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997, p. 85.

janeiro de 1968, sua distribuição seria interrompida devido a crises financeiras da família Rodrigues. Isto não impediu que o suplemento fosse elevado à condição de ícone de uma geração, ao ser lembrada na letra da música de Caetano Veloso, *Alegria, alegria* – que despontou no II Festival Internacional da Canção em 1967 – e ao servir de paradigma, na década de 1970, para a formação de uma imprensa alternativa, dirigida por jornalistas de esquerda, como o humorístico Pasquim.

Com efeito, a nova política editorial do *Jornal dos Sports* parecia em princípio destoar do universo do futebol em seu dia a dia mais corriqueiro. O terreno dos esportes não possuía, à primeira vista, uma vinculação maior com um segmento voltado para a vida artística, cultural e intelectual da cidade. Apesar disso, o jornal partia de uma gama de questões do cotidiano dos estudantes – que iam da preparação para o vestibular às reivindicações específicas do movimento estudantil, como a polêmica reabertura do restaurante Calabouço, ou às matérias de interesse acadêmico – para cunhar a sua nova identidade jornalística. Tais seções franqueavam espaço para discussões teóricas e conceituais de respaldo internacional, que podiam girar em torno do estruturalismo e do acesso aos textos de seus maiores expoentes, como *O pensamento selvagem*, de Claude Lévi-Strauss, ou *O grau zero da escrita*, de Roland Barthes. Em âmbito nacional, pontificavam artigos da doutora Nise da Silveira sobre psiquiatria, ensaios de Ferreira Gullar sobre arte, análises cinematográficas de filmes como *Terra em transe* ou ainda interpretações de Otto Maria Carpeaux sobre clássicos da literatura universal, como Nicolai Gogol.

O distinto perfil de público para o qual se dirigia o *Jornal dos Sports* sinalizava a existência de uma aparente incompatibilidade de gênero não apenas da parte do habitual e comum leitor daquele periódico. Para expressiva parcela da intelectualidade que se interessava por aspectos ligados à arte, à cultura e à política, o futebol não constituía

indício satisfatório de envolvimento com os problemas de sua sociedade. Em um período onde as clivagens ideológicas tinham contornos nítidos, os indivíduos que estavam efetivamente engajados com a transformação de sua realidade pareciam ser discerníveis com facilidade e, para a maioria deles, o terreno esportivo não se afigurava o local mais apropriado.

Isso podia ser notado em um filme que o próprio *Jornal dos Sports* anunciava como atração em sua seção Roteiro de Cinema, no ano de 1968. Tratava-se da película *Brasil Verdade*, conjunto de quatro médias-metragens com que a Caravana Farkas iniciou em 1964 o seu objetivo de retratar a vida nacional naquele período. Em certo sentido, o projeto do fotógrafo húngaro Thomas Farkas, que se estendeu até 1980 e que fez um total de trinta e nove documentários, constituía uma revisão das idéias otimistas apresentadas pelo Centro Popular de Cultura, da União Nacional dos Estudantes, no início da década de 1960, com a realização do filme *Cinco vezes favela* e com a organização da UNE-Volante, comitativa que se propunha à divulgação e ao estímulo da arte popular em todos os quadrantes do país.

Enquanto os jovens realizadores estudantis nutriam uma concepção romântica de cultura popular e de folclore, calcada no ideário do Partido Comunista Brasileiro, os documentários que compunham o filme *Brasil Verdade – Subterrâneos do futebol*, de Maurice Capovilla; *Memória do cangaço*, de Paulo Gil Soares; *Viramundo*, de Geraldo Sarno; e *Nossa escola de samba*, de Manuel Horácio Gimenez – correspondiam à fase ditatorial pós-64, em que se generalizara o desencanto de vários intelectuais com as perspectivas de transformação das condições de vida do país e do povo brasileiro. A finalidade do documentário era a exibição das mazelas e da face cruel de certos fenômenos característicos do país, como o êxodo rural, o banditismo sertanejo e o fanatismo religioso, com a desmistificação de seus principais fundamentos. O futebol

também era enquadrado neste reino de mitos e ilusões, pois consumia os jogadores de origem proletária, expelindo-os depois do universo esportivo sem o oferecimento de qualquer infra-estrutura, e levava os torcedores à exacerbação de seus comportamentos mais irracionais, manifestações típicas de frustrações oriundas do mundo do trabalho.

A discrepância entre os diversos públicos leitores do *Jornal dos Sports* talvez fosse relativa. A incongruência de um diário esportivo orientado tanto para as classes populares quanto para as classes médias intelectualizadas poderia ser vista também sob um outro ângulo. A estratégia comercial do periódico voltava-se para o investimento em um denominador comum aos diversos estratos sociais e às expressivas frações etárias que o tinham como objeto de leitura cotidiana: os jovens. Se o esporte constituía uma atividade profissional e recreativa em que a condição juvenil afigurava-se como requisito indispensável, o balizamento em torno de interesses procedentes dos meios estudantis e universitários apoiava-se na mesma pressuposição.

Em fins da década de 1960, os editores do *Jornal dos Sports* presentiam o potencial que a juventude conquistava de maneira progressiva no mundo e na sociedade brasileira. A identidade dos jovens como grupo social independente já havia sido reconhecida, sendo a formação de uma cultura juvenil específica cada vez mais evidente e destacada. A cultura jovem lograva visibilidade ao projetar uma série de valores e padrões de sociabilidade auto-referenciados. Diferenciando-se dos demais segmentos, ela procurava seus elementos distintivos com grande ênfase nos domínios da linguagem, da moda e da música. A juventude também foi responsável pelos questionamentos em torno da estrutura familiar e pelas polêmicas em torno da liberdade sexual. Este conjunto de características reivindicativas forjava um *ethos* e um estilo de vida próprio, que se contrapunha em grande medida à geração de seus pais.

Eric Hobsbawm identificou nesse processo o estabelecimento de um abismo histórico de gerações entre aqueles que viveram sua mocidade na primeira e na segunda metade do século XX<sup>41</sup>. E, nesta mesma linha, o historiador francês Ignácio Ramonet abordou a crise de valores na segunda metade do século XX com base no que chamou de *agonia da cultura*<sup>42</sup>. Tal crise geracional podia ser detectada não apenas no seio da família como no ambiente da educação, que atravessava um período de intensa massificação. A busca por um ensino cada vez mais qualificado em nível secundário e universitário atendia ao incessante fluxo de mutações científicas e tecnológicas por que passava o mundo. O funcionalismo público e as profissões liberais demandavam cada vez mais a formação escolar integral. Enquanto na escola primária as políticas de Estado pautavam seus esforços na erradicação do analfabetismo, nas instituições de ensino superior os jovens almejavam o êxito individual e o sucesso profissional. Se até então as faculdades abrigavam um número pouco expressivo de alunos, integrada por uma ínfima elite, a formação acadêmica tendia a atrair de maneira crescente os contingentes juvenis em busca de projeção nas suas respectivas carreiras.

Ao longo da década de 1960, a procura pelo emprego rentável e pela qualificação profissional não constituía a única motivação estudantil. Para além da dimensão utilitária, a escola e o *campus* universitário foram facultando um *locus* próprio para a elaboração de uma identidade social. A ambiência escolar ensejava um meio de aglutinação que com o tempo se expressaria de forma surpreendente para o restante da sociedade. A politização dos estudantes, suas utopias coletivas e gregárias, consubstanciadas na prática com a participação por meio de entidades representativas, viria a suscitar um debate controvertido sobre o lugar e sobre a função dos jovens no

---

<sup>41</sup> Cf. HOBBSAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p.322.

<sup>42</sup> Cf. RAMONET, I. "A agonia da cultura". In: **Geopolítica do caos**. Petrópolis: Editora Vozes, 1998, p. 129 e 130.

mundo contemporâneo. A oposição civil norte-americana à guerra do Vietnã e a repercussão das rebeliões estudantis na França, em maio de 1968, se afigurariam como o seu clímax, revelando a virulência daquele grupo emergente. A atuação coletiva dos estudantes levava para as ruas manifestações surgidas de início como um instrumento de luta interno ao universo educacional, naquilo que era considerado seus direitos e suas aspirações mais essenciais.

Destarte, a cisão de gerações que assumia maior clarividência no quadro familiar refletia-se também nas escolas e nas universidades públicas. Elas constituíam um meio de afloramento das diferenças de valores que distanciavam pais e filhos, alunos e professores, estudantes e reitores. Parcela significativa das convenções sociais era colocada em xeque, o que desencadeava toda sorte de animosidades e conflitos entre as autoridades escolares e os jovens freqüentadores. O questionamento às formas tradicionais de poder era entronizado pelos estudantes como uma atitude sistêmica, sendo a figura do diretor muitas vezes equiparada à figura do ditador.

A voga juvenil ultrapassaria as fronteiras das salas de aula e das cidades universitárias. Não somente sob a forma de protestos, passeatas e manifestações públicas. Logo ela também seria apropriada e irradiada pela linguagem dos meios de comunicação de massa. Em princípio uma forma de expressão alternativa ao modo de vida capitalista, ainda que a vicejar em seu bojo, a cultura jovem também seria alvo de rápida assimilação pelas engrenagens e pela voragem da sociedade de consumo. Isto se dava desde a década de 1950, com a criação de símbolos cinematográficos do jovem rebelde, como James Dean, até a extraordinária obtenção de lucros por parte da indústria fonográfica internacional, com a música que atraiu multidões e que galvanizou a juventude dos anos de 1960 e 1970: o *rock*.

No Rio de Janeiro, o termo *jovem* impregnou as mais diversas áreas da sociedade. Ele denotava menos a condição de uma faixa etária particular e mais a manifestação de um espírito livre, de um novo modo de ser e estar no mundo. Seu aparecimento podia ser percebido de maneira mais cristalina na esfera cultural. Ele era emblemático, por exemplo, do Teatro Jovem, que defendia uma nova concepção de arte cênica, voltada para festivais onde se oferecia abertura para grupos amadores. Ele servia de chancela também para grupos musicais, como a Jovem Guarda, banda que afrontava padrões estéticos tidos como superiores pela MPB e que, por isto, inspiraria os mentores da Tropicália.

A *onda jovem* não passaria despercebida também no terreno do jornalismo. Em relação à imprensa, Saumel Weiner, após quatro anos de exílio em Paris, reassumiria o Última Hora com propostas de reformulação de seu jornal. Uma delas consistia no lançamento de uma coluna intitulada Poder Jovem, que ficaria a cargo do jornalista Nelson Motta<sup>43</sup>. A irreverência tributada à juventude seria expressa nesta seção pela abertura de espaço a uma nova linguagem, produzida por um jovem incumbido de falar a seus pares. O surgimento no Brasil de uma revista intitulada Pais & filhos, especializada na abordagem da relação entre estes dois elementos da família nuclear ocidental, podia ser um bom indício da crescente diferenciação interna no seio familiar nacional.

O *Jornal dos Sports* também encampou com afinco esse movimento que convergia para a afirmação da juventude como nova força social e cultural. Por um lado, este reconhecimento vinha estampado em muitos de seus anúncios, onde era destacada a preocupação com a harmonia da vida familiar e onde era frisada a importância das relações fraternais entre as gerações. Por outro, ele se colocava também como o

---

<sup>43</sup> Cf. MOTTA, N. **Noites tropicais**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2000, p. 166.

periódico que encarnava com autenticidade a índole juvenil e seu *modus vivendi*. Na ocasião do lançamento de *Sol – o Jornal do Poder Jovem*, este diário esportivo chegava a se colocar como o porta-voz e a autoconsciência de um fenômeno histórico e mundial singular:

“Em apenas um mês o SOL tornou-se o veículo do pensamento jovem brasileiro. Afirmado com coragem, defendendo os interesses nacionais, analisando os problemas com independência e isenção, a jovem equipe de universitários conduzidos por experientes jornalistas fez do SOL um novo padrão de jornalismo moderno. E agora, em homenagem aos jovens que contribuem para levar o Brasil pra frente, o SOL elegerá os 7 JOVENS de OURO, aqueles que mais se destacaram nos campos: universitário, empresarial, técnico, científico, artístico, econômico, político. SOL, uma visão jovem do mundo.”<sup>44</sup>

\*

“O poder cultural. O poder social. O poder político. Desde o fim da última guerra o mundo passou a assistir, impotente, à rebelião da juventude. Os elementos desencadeados pela própria guerra, os vinte milhões de jovens sacrificados na carnificina foram suficientes para que os jovens aspirassem, dali por diante, a hegemonia no processo do desenvolvimento social. (...) A década de 60 se fixará na história como os anos da revolução dos jovens.”<sup>45</sup>

Em outra oportunidade, na seção *JS Escolar*, o jornal voltava a dar ênfase às concepções de sua linha editorial, na reportagem *Juventude toma o poder*:

“O Brasil é um país jovem. A frase é repetida por todos: pelo Ministro do Exterior, pelo Presidente da República,

---

<sup>44</sup> Cf. JORNAL DOS SPORTS. Rio de Janeiro, 22 de outubro de 1967, Suplemento SOL, p.10.

<sup>45</sup> Cf. **ibid**. Rio de Janeiro, 26 de novembro de 1967, p. 5.

pelo professor, pelo aluno, pelo homem da esquina. O jovem está aqui, ali, acolá. Representa uma parcela muito maior do que a metade da população. São 70 % dos 80 milhões de brasileiros. Apesar de representar uma força indiscutível, na realidade estão relegados a um plano secundário.”<sup>46</sup>

Embora tenha passado despercebido a muitos estudiosos do período, essa marca juvenil que se disseminava por várias dimensões da vida cotidiana atingiu também uma esfera de lazer muito importante no dia a dia do carioca: o futebol. O biênio de 1967 e 1968 assistiu ao surgimento no estádio do Maracanã de um novo grupo de torcedores que se auto-intitulavam *jovens*. Era a Jovem Flu, fundada por um grupo de artistas torcedores do Fluminense, dentre os quais, o ator Hugo Carvana, o compositor Chico Buarque e o jornalista Nelson Motta<sup>47</sup>; era a Torcida Jovem do Flamengo, formada por sócios dissidentes do clube; era o Poder Jovem do Botafogo, formado por uma turma de amigos da rua Siqueira Campos, em Copacabana<sup>48</sup>.

A visão de senso-comum no tocante aos estádios de futebol é a de seu caráter democrático. Às praças de desportos acorrem indivíduos de todas as classes sociais, de diversas origens raciais e das mais variadas faixas etárias. Embora a presença masculina e juvenil seja preponderante, reconhece-se o estádio como um lugar freqüentado por senhores, mulheres e crianças. Apesar da hierarquia econômica que escalona os espectadores de acordo com o preço de cada setor, a existência de espaços para as múltiplas procedências sociais costuma servir de atestado da pluralidade das praças

---

<sup>46</sup> Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 04 de fevereiro de 1968, Seção *JS Escolar*, p. 1.

<sup>47</sup> A Jovem Flu contava aquela altura com cerca de duzentos simpatizantes, dentre os quais Ronaldo Bôscoli e Elis Regina. Não confundir a Jovem Flu com a atual torcida organizada do Fluminense, Young Flu, fundada em outubro de 1970 por Paulo César Pedruco, Cláudio e Armando Cavalcante. Cf. JORNAL DOS SPORTS. Rio de Janeiro, 09 de abril de 1968, p. 5.

<sup>48</sup> Em jogos do Vasco, encontrava-se uma anônima faixa intitulada Torcida Psicodélica, o que evidenciava o alcance internacional de movimentos como a contracultura. A Força Jovem do Vasco seria fundada em fevereiro de 1970, no bairro do Méier.

desportivas no Brasil, sendo uma das diversões preferidas para a população carioca e brasileira.

Mas é possível salientar como, no decorrer da segunda metade do século XX, o perfil dos estádios foi sendo alterado de maneira contínua e acompanhou também as transformações oriundas da sociedade. No Rio de Janeiro, a emergência de grupos torcedores que se autodenominavam *jovens* parece expressivo deste fenômeno. A discussão nacional e internacional a respeito da crise de gerações manifestava-se não apenas na unidade da família e da escola. Nos estádios, as *torcidas jovens cariocas* despontavam como um fato inédito, como um novo núcleo de arregimentação, formado por novos atores imbuídos do intuito de ocupar um papel distinto no universo esportivo. Elas apareciam de maneira paralela às charangas e às torcidas organizadas que desde os anos de 1940 e 1950 alcançaram sua consolidação no cenário desportivo do Rio de Janeiro.

Criação dos clubes para o incentivo ao time e para a animação da platéia nos dias de jogos, esses antigos agrupamentos eram fomentados pelos concursos de torcida promovidos pelo *Jornal dos Sports* desde a época de Mário Filho. De forma unificada e homogênea, eles se estabeleceram nas arquibancadas como representantes oficiais dos torcedores, sendo que cada torcida era conduzida por um líder. Os chefes de torcidas tornaram-se, no decorrer das décadas, os principais interlocutores entre o público espectador e os demais protagonistas do futebol, como dirigentes, repórteres e jogadores. A eles cabia a promoção da festa e a subsequente carnavalização das arquibancadas, com a introdução de pequenas orquestras musicais, faixas, bandeiras, balões, estandartes, confetes e serpentinas.

Em 1967, o torcedor de maior projeção na cidade, Jaime de Carvalho, comemorava os vinte e cinco anos da Charanga Rubro-Negra na antiga sede do clube do

Flamengo, no Morro da Viúva. O jubileu de prata da torcida era concorrido. A amiga Dulce Rosalina, que há onze anos liderava a Torcida Organizada do Vasco, comparecia em nome do presidente do clube rival. Tarzã, durante dez anos à frente da Torcida Organizada do Botafogo, também se fazia presente à solenidade, portando uma bandeira gigantesca do time alvinegro. Em felicitação à torcida co-irmã, o chefe botafoguense subia ao palco e oferecia a Jaime de Carvalho uma estatueta que representava a figura de um pescador. Em seu discurso, Tarzã explicava por que o pescador simbolizava para ele o papel exercido por Jaime de Carvalho. Segundo o líder alvinegro, chefe de torcida é aquele que sabe *pescar* a simpatia dos torcedores do seu clube<sup>49</sup>.

Em julho do ano seguinte, por ocasião do aniversário do Vasco da Gama, no Cineac – sede da Federação Carioca de Futebol –, no Centro do Rio, Dulce Rosalina voltou a fazer saudações a Jaime de Carvalho, eleito então *o chefe dos chefes* de torcida, além de prestar homenagem a outros dois dos mais antigos líderes de torcida: Paulista, do Fluminense e Juarez, do Bangu. Neste mesmo evento, os agraciados anunciavam a formação de uma nova entidade desportiva: a Associação de Torcedores do Futebol Carioca. Sob inspiração de um dirigente do América, ficava acordada a criação da ATFC, associação cujo patrono seria o próprio *Jornal dos Sports*.

É bem provável que a fundação da ATFC significasse a materialização de um esforço em prol do maior entrosamento entre as torcidas dos diferentes times do Rio de Janeiro, na obtenção dos direitos que lhe eram comuns. Outrossim, a legitimação de uma nova instância de poder sinalizava também para a consciência da perda de hegemonia representada pelo advento de uma ala de jovens torcedores. As torcidas oficiais dos clubes tinham de passar a dividir espaço nas arquibancadas com outras torcidas. Além de um perfil etário mais homogêneo, as torcidas jovens se

---

<sup>49</sup> Segundo as palavras de Tarzã: “- Comparo um chefe de torcida a um pescador, sempre pescando simpatias. Daí a idéia da estatueta”. Cf. JORNAL DOS SPORTS. Rio de Janeiro, 08 de dezembro de 1967, p. 4.

singularizavam das antigas torcidas pela incorporação de um novo valor ao ato de torcer: o protesto. Se até então o incentivo parecia constituir a essência do modo de ser do torcedor e a finalidade última destas agremiações, as torcidas jovens canalizavam a insatisfação dispersa entre os torcedores nos períodos de crise de suas equipes, outorgando-se o livre direito à pressão, ao apuro e à vaia sobre a diretoria dos clubes.

O princípio da adesão irrestrita ao time era posto em questão, bem como o antigo elo entre o clube e a torcida. A dissidência se expressava de dois modos: de um lado, pelo não reconhecimento da autoridade exclusiva dos chefes oficiais de torcida; de outro, pela capacidade de interferir como uma força externa, independente do clube, a pressioná-lo de fora para dentro, das arquibancadas para o campo de jogo. Neste sentido, os meios de comunicação configuravam igualmente um lugar privilegiado para o exercício da nova influência política das torcidas sobre os clubes.

Na conturbada conjuntura do final da década de 1960, durante o governo do general Costa e Silva, o *Jornal dos Sports* concedia notável destaque para as maciças passeatas estudantis e para os conflitos dos estudantes com a polícia, bem como, para os enfrentamentos com o Ministério da Educação, em atos no Palácio Gustavo Capanema. O *Cor-de-Rosa*, como era popularmente conhecido o jornal, parecia mesmo colocar-se ao lado do Movimento Estudantil, chegando a constituir mesmo uma espécie de fórum do ME, ao pôr a sociedade a par de suas informações mais cotidianas e ao abordar as disputas internas entre suas lideranças, como Vladimir Palmeira, Luiz Travassos, Franklin Martins, Daniel Aarão Reis, Carlos Alberto Muniz, entre outros. No confronto com as forças repressivas, os estudantes podiam contar com espaços na primeira página do jornal e do mesmo modo com o traço simpático das charges de Henfil à sua causa.

O *Jornal dos Sports* parecia adotar posição semelhante, e ainda mais incisiva, no quadro do futebol. A contestação das torcidas jovens cariocas aos rumos dos seus

respectivos clubes foi, em alguns momentos – mais do que reportada –, incitada e propalada pelo próprio jornal. Isto ocorreu por exemplo no mês de abril de 1968, quando o *Jornal dos Sports* fez a cobertura da oposição, capitaneada pela Jovem Flu, ao vice-presidente do Fluminense, Dílson Guedes, responsável segundo os torcedores pelo péssimo desempenho da equipe no campeonato carioca. A pressão ocorria de várias maneiras, seja pelo coro oriundo das arquibancadas<sup>50</sup>, seja pelos telefonemas anônimos ao vice-presidente, seja até pelo cerco à sua casa.

No dia nove do mesmo mês, o jornal concedia uma página inteira ao líder do movimento Jovem Flu para explicitar as razões que opunham os torcedores àquele membro do clube. Em matéria intitulada *A voz da torcida*, Hugo Carvana denuncia a concepção retrógrada do, segundo ele, *ultraconservador* Dílson Guedes na condução do futebol do clube e exige o seu imediato afastamento. O presidente do Fluminense, Luiz Murgel, sai em defesa de seu aliado e acusa a nova torcida de tentativa de autopromoção. A campanha pela deposição do vice-presidente permanece implacável e, dois dias depois, o *Jornal dos Sports* estampa na manchete de sua primeira página o êxito dos torcedores: *Caiu Dílson Guedes*.

Apesar do grande destaque dado pelo *Jornal dos Sports* à Jovem Flu, é válida a observação de que aquela torcida não era unânime no periódico. Nelson Rodrigues, autor de antológicas crônicas sobre a figura do torcedor, dentre elas *A doce torcida*, *Tempestade de bandeiras tricolores*, *O momento supremo da torcida* e *A caravana do grande amor*, exaltava os aspectos relativos à fidelidade, à abnegação irrestrita à equipe e à necessidade de acompanhar o time nos lugares mais ínvios do subúrbio carioca, como prova dos valores que deveriam nortear o genuíno torcedor de futebol. Cronista conhecido no período por suas posições ideológicas à direita, Nelson Rodrigues não via

---

<sup>50</sup> O coro era: – *Abaixo Dílson Guedes!*

de maneira positiva a Jovem Flu, caracterizando-a como uma torcida sempre *descontente, amarga e furiosa*<sup>51</sup>. Depois de buvar a dignidade e a nobreza do choro de Paulista, o tradicional torcedor do Fluminense, fundador em 1952 da Torcida Pó-de-Arroz, o dramaturgo cunha o lema que deveria orientar o espírito de uma torcida: “ao invés da ira, a apoteose”<sup>52</sup>.

A crise da equipe do Flamengo no segundo semestre do ano de 1968 também seria responsável pelo desencadeamento de um grave confronto entre a presidência do clube e um movimento de jovens torcedores nascido nas arquibancadas do Maracanã. É necessário destacar de que maneira neste caso também o *Jornal dos Sports* assumiria papel decisivo na deflagração do incidente. Durante uma semana inteira no mês de setembro, o jornalista Marco Aurélio Guimarães assinou um conjunto de sete reportagens especiais, de página exclusiva, intituladas *Os coveiros do Fla*, onde eram expostos os problemas concernentes à corrupção, à inépcia administrativa e às deficiências estruturais que atravessava o clube naquela altura. Poucos dias depois, após sucessivos malogros da equipe do Flamengo, o *Jornal dos Sports* voltava a abordar, com crasso teor sensacionalista, as debilidades do time e a impaciência de seus torcedores. Desta feita, abria espaço à cobertura da revolta da torcida jovem contra o presidente Veiga Brito, ex-deputado da UDN (União Democrática Nacional), às voltas com o processo de sua reeleição no clube.

As fotos e as manchetes do periódico davam um acento dramático às contestações dos torcedores. O colunista Luiz Bayer classificava os protestos da torcida do Flamengo como sem precedentes na história do clube. Reproduziam-se os títulos: *Torcida está contra tudo; Rebelião na torcida do Mengo, Torcida repudia Veiga*. Transcreviam-se os brados e as palavras-de-ordem entoadas no estádio: *Olê, olá / abaixo os coveiros / cadê*

---

<sup>51</sup> Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 03 de abril de 1968, p. 4.

<sup>52</sup> Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 11 de abril de 1968, p. 4.

*nosso dinheiro ?; A torcida organizada / Derruba a cachorrada!*. Este último era descrito pelo jornal como um grito de guerra com raízes nas passeatas estudantis.

Emulados pelo jornal, os torcedores buscavam de diversas formas expressar sua contrariedade com a situação do time. Além dos cânticos, a reportagem jornalística mostrava as estratégias de demonstração da insatisfação da torcida face à presidência do clube. Elas iam de táticas violentas, como o apedrejamento de carros, na garagem do estádio, a táticas mais pacíficas, como o enterro simbólico do presidente. Os jovens torcedores percorriam o anel das arquibancadas com um caixão mortuário – como já havia feito a Jovem Flu no primeiro semestre daquele ano –, fato que chamava grande atenção e que despertava a curiosidade dos espectadores. Outro dado crucial neste fato era a explicitação de uma espécie de crise de representação no interior da torcida rubro-negra, como deixavam claros os extensos relatos do *JS* sobre os jogos:

“A torcida do Flamengo que habitualmente se posta atrás do gol rebelou-se contra a má atuação do time e, na metade do segundo tempo, formalizou o seu protesto: rumou, espontaneamente, até o local onde se aglutina a torcida organizada do clube, sob o comando de Jaime de Carvalho – lado esquerdo das tribunas – e passou a vaiar com mais insistência o time.

Jaime lançou o seu protesto de imediato, pedindo que os torcedores da ala jovem fossem realizar manifestações em outro local e até um contingente da PM foi chamado para retirar dali os que insistiam em abaixar suas bandeiras sobre o gradeado, a meio pau, sinal de luto.

Pacificamente os torcedores atenderam às ordens do comando policial: deram a volta na arquibancada, exibindo suas bandeiras e foram para a parte fronteira das cabines de rádio: ali, sem que ninguém os molestasse, bem longe da

torcida oficial, eles continuaram vaiando e abaixaram as bandeiras sobre o gradeado.”<sup>53</sup>

\*

“Gilberto, José Barbosa e Reginaldo lideram um grupo dissidente. Não aderem à política de Jaime de Carvalho e exatamente por isto colocam-se, em dias de jogos do Flamengo, atrás do gol à esquerda da Tribuna de Honra do Estádio Mário Filho.

– O Jaime de Carvalho acha que nós fazemos muito barulho e por isto procuramos um lugar distante de onde ele fica. Vocês já imaginaram uma torcida sem fazer barulho ? Não existe. Gritar e cantar quando o time está na frente do placar não é vantagem. Queremos ver fazer isto quando o Mengo estiver perdendo. Aí é que é importante, pois o incentivo é a única arma de que dispomos. (...)

Todos a uma voz pediram que a torcida dissidente, aquela que pretende um Flamengo novo, sem a direção dos dirigentes atuais, fique atrás do gol à esquerda da tribuna do estádio.

– Vamos continuar a fazer barulho pelo bem do Flamengo. Para podermos sobreviver, pois o Flamengo é vida. Faz parte de nossa vida. É nossa segunda família.”<sup>54</sup>

\*

“Outro fenômeno foi visto ontem no Estádio: grande parte de torcedores que formam a torcida organizada do clube, sob o comando do chefe, oficial, Jaime de Carvalho, aderiu ao movimento de revolta da ala jovem da torcida chefiada por Armando Márcio Zucarelli, Gilber, Viana e outros. À medida que o time ia perdendo, jogando mal, os torcedores que ficam à esquerda das tribunas iam-se juntando à torcida que fica atrás do gol.”<sup>55</sup>

---

<sup>53</sup> Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 29 de setembro de 1968, p. 16.

<sup>54</sup> Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 02 de outubro de 1968, p. 2.

<sup>55</sup> Cf. **ibid.** Rio de Janeiro 07 de outubro de 1968, p. 3.

Os protestos protagonizados pelos jovens torcedores não ficariam restritos aos dias de jogos e à geografia dos estádios. O descontentamento da nova torcida tinha desdobramento nos dias seguintes, pois ele estava relacionado em grande parte à veemência da abordagem do *Jornal dos Sports* à situação do clube. Era possível entrever o vínculo direto entre o jornalismo esportivo e o caráter oposicionista destes grupos. Ele podia ser visualizado através de uma reciprocidade de códigos, que atendiam aos interesses de ambos. De modo que, após a série de matérias sobre a decadência da administração do Flamengo e o ensaio de sublevação iniciado pela torcida no Maracanã, outras formas de manifestação irromperiam nas semanas posteriores.

A oposição às diretrizes clubísticas ganhava agora o âmbito público das ruas, sob a forma de passeatas. Um cortejo fúnebre, a velar de maneira simbólica a morte de Veiga Brito, cumpria um itinerário tão inusitado quanto revelador. À saída do Maracanã, a marcha ia a cada uma das redações dos mais representativos periódicos da cidade. E, ao final, chegava à porta do prédio em que ficava o *Jornal dos Sports*, na rua Tenente Possolo. Em meio ao refrão uníssono de *Jornal dos Sports / De grande expressão / Jorge Veiga Brito / Depressa no caixão!*, os líderes daquela vanguarda torcedora foram convidados a subir à sede do jornal e a serem recepcionados por sua direção. Segundo a cobertura do próprio jornal, que estampava fotos da passeata e do encontro, a jovem torcida rubro-negra fazia da visita uma maneira de congratulação ao *JS* e, com destaque, ao seu repórter, Marco Aurélio Guimarães, responsável pelo conjunto de matérias que tanto concitou os jovens àquela pequena insurreição.

A clara filiação entre a direção do jornal e as lideranças jovens não impedia que se desse direito de defesa ao presidente do clube. Embora as matérias sobre Veiga Brito não raro viessem eivadas de ironia, como as que aludiam ao *Novo Pacto de Lisboa*, por

ocasião do encontro do presidente com um antigo desafeto do clube<sup>56</sup>, o jornal procurava ouvir as razões do contestado dirigente. Interpelado sobre a pressão da torcida, Veiga Brito menosprezava seus detratores, apontando a sua imaturidade e relegando-os a uma condição infantilizada:

“Não é bem a torcida que faz pressão. São uns garotos que não fazem mal a ninguém. No fundo, no fundo, o que eles querem mais tarde é apertar a minha mão, me cumprimentar e depois dizer em casa: ‘Mamãe, apertei a mão do Deputado Veiga Brito! Saí tranquilamente do estádio domingo. Achei até graça dizer que o sr. Otávio Pinto Guimarães me protegeu. Será que ele, com aquele físico, protege alguém?’<sup>57</sup>

O alongamento na descrição dos fatos acima registrados por um jornal no turbulento ano de 1968 parece necessário na medida em que ele proporciona a percepção de um novo componente do mundo futebolístico. Estes acontecimentos engendraram um novo tipo de torcedor, que não se satisfazia com uma situação de passividade. Tampouco se contentava com a caracterização tradicional de *décimo segundo jogador*. Os episódios até aqui descritos ilustravam um processo de formação de um peculiar perfil que despontava nas arquibancadas. Eles mostravam de que maneira articulava-se no espaço destinado à assistência uma espécie de vanguarda esportiva, encabeçada por jovens que se sentiam capazes de assumir também uma práxis e um engajamento político no futebol .

---

<sup>56</sup> A alusão ao *Novo Pacto de Lisboa* era uma referência ao restaurante em que ocorreu o encontro entre Veiga Brito e Moreira Leite. O nome do restaurante era homônimo ao da capital portuguesa, daí a menção ao *pacto*.

<sup>57</sup> Cf. **ibid** Rio de Janeiro 09 de outubro de 1968, p. 9. Otávio Pinto Guimarães era então presidente da FCF, Federação Carioca de Futebol.

A importância de atribuição a esses grupos de um caráter de vanguarda juvenil deve-se à proximidade que seus métodos de ação e de mobilização possuíam com outros movimentos civis da sociedade. A passeata, a reivindicação de direitos ou a desconfiança perante as autoridades instituídas pareciam ser pontos em comum entre os jovens torcedores e os jovens estudantes. Mesmo que se tratasse de fenômenos paralelos, cuja comparação pudesse ficar apenas no nível da analogia, a semelhança dos meios de expressão tornava possível a sintonia entre tais elementos. É possível asseverar também que o futebol e as passeatas estudantis daquele período constituíam os dois maiores eventos de massa da cidade do Rio de Janeiro. O estádio do Maracanã chegava a comportar nas partidas decisivas cerca de cento e cinquenta mil torcedores, ao passo que as passeatas de estudantes aglomeravam no Centro do Rio até, conforme ficou conhecida de modo lendário uma de suas maiores, cem mil pessoas.

Havia também um fenômeno de comunicação no segundo lustro da década de 1960 que podia servir de referência às formas de atuação juvenil nos estádios de futebol. Ele podia ser identificado nos concursos musicais, como o Festival Internacional da Canção, realizados anualmente e promovidos pelas TVs Excelsior, Record, Tupi e Globo. Sob o patrocínio destas emissoras de televisão, que se assumiam como um pólo cada vez mais influente sobre a vida cultural brasileira, estes festivais revelavam jovens valores da música e os projetavam por todo o cenário nacional. Tendo como sede teatros universitários – o auditório do TUCA em São Paulo – e mesmo ginásios – o Maracanzinho no Rio de Janeiro –, as disputas eram tão concorridas que os dias finais atingiam a superlotação de mais de vinte mil espectadores. Um dos aspectos que saltava à vista nestes concursos era a capacidade de intervenção da audiência sobre o processo decisório.

Reagindo ora com aplausos àqueles que os agradavam, ora com manifestações hostis àqueles que os entediavam, os jovens frequentadores dos festivais acabavam por interferir no resultado das apresentações, dividindo-se como verdadeiras torcidas. A intolerância se dava por meio dos xingamentos e dos arremessos de objetos nos concorrentes, chegando a inviabilizar as apresentações, o que sucedeu com Caetano Veloso e Gilberto Gil nas semifinais do III FIC de setembro de 1968. No mesmo ano, a própria torcida Jovem Flu se fazia presente durante as finais da Bienal do Samba, a apoiar a música de Chico Buarque *Bom tempo*, cujo refrão em ritmo de maxixe, “Satisfeito, alegria batendo no peito, / o radinho contando direito / a vitória do meu tricolor...” celebrava a predileção do compositor pelo seu clube. Ao mesmo tempo, a introdução do tema do futebol no festival despertava a ira da esquerda musical, que tinha a canção por alienada e irresponsável<sup>58</sup>.

A estrutura competitiva dos festivais, e a subjacente divisão entre os defensores do nacionalismo e os do internacionalismo na música brasileira, entre os adeptos da canção de protesto e os do hedonismo musical, suscitava a existência de uma relação tensa entre o palco e a platéia, entre o público e o proscênio. A participação da audiência, em sua extrema maioria formada por jovens, era um ingrediente que fugia ao controle de seus organizadores e tornava-se ela própria um mecanismo inovador de atração do evento, àquela altura já uma moda televisiva. O compartilhamento de valores e papéis sociais era mais uma vez desafiado por aqueles que em princípio ocupavam uma posição coadjuvante na composição do espetáculo. Neste sentido, parece plausível uma outra aproximação entre o comportamento verificado nestes festivais e aquele que ocorria nos estádios de futebol na conjuntura de fins da década de 1960. Era possível a

---

<sup>58</sup> Cf. MOTTA, N. *op. cit.*, p. 178.

afirmação de que ambos ao menos tangenciavam uma mesma discussão teórica que perpassava o âmbito da moral e dos costumes.

A estrutura binária *ator-espectador* estava sendo interrogada não somente na esfera dos festivais de música e nos campeonatos de futebol. A inversão de posição entre estes dois elos, cruciais na consolidação da *sociedade do espetáculo*, possuía defensores também na área do teatro. O método agressivo proposto por José Celso Martinez Correia baseava-se na radicalização deste postulado. Mais do que a inversão, seu projeto ambicionava a quase supressão da distinção conceitual entre a figura do ator e a figura do espectador na cena dramática. A polêmica em torno da encenação de duas de suas peças – *O rei da vela*, em 1967, de Oswald de Andrade e *Roda-viva*, em 1968, de Chico Buarque – mostrava o incômodo que elas levantavam em termos de hábitos e convenções. O objetivo do diretor era fustigar a passividade da platéia e forçá-la a uma reação violenta, fazendo-a também se integrar ao *mise-en-scène*<sup>59</sup>. Em certo sentido, realçava-se a dimensão interativa que o próprio legado histórico do teatro fornecia. Conforme esclarecimento do sociólogo Maurício Murad, a etimologia da palavra ator, do grego *hypokrités*, significa aquele que responde, isto é, *aquele que responde ao público*<sup>60</sup>. E parecia que o dramaturgo paulista aspirava retomar este diálogo interrompido pelo teatro burguês desde a era vitoriana.

Seria possível ainda continuar a arrolar casos de outras áreas da vida cultural brasileira em que as referências ao princípio de *ação-contemplação* foram discutidas. Isto se deu nas artes plásticas com Hélio Oiticica, com suas instalações *pop*, ou nas inovações estéticas do Cinema Novo, quando seus diretores defendiam o primado da

---

<sup>59</sup> Em entrevista concedida a Tite de Lemos, em 1968, assim se expressa José Celso Martinez Corrêa: “Enfim, é uma relação de luta. Luta entre atores e público. Metade deste, praticamente, não adere. Ou detesta. Ou não entende. A peça agride intelectualmente, formalmente, sexualmente ou politicamente. (...) Nossa forma de arte popular está na revista, no circo, na chanchada da Atlântida, na verborragia do baiano, na violência de tudo que reclamamos e está no nosso inconsciente”.

<sup>60</sup> Cf. MURAD, M. **Dos pés à cabeça: elementos básicos de sociologia do futebol**. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1996, p. 169 e 170.

retirada simbólica do *povo*, dos assentos das salas de exibição, para a própria tela. Ou, ademais, a possibilidade de o cinema questionar os limites da representação ficcional, quando o ator, postando-se rente à câmara, indaga brechtianamente o espectador, como ocorreu em *Deus e o diabo na terra do sol* e em *Terra em transe*.

Os exemplos assinalados parecem por ora suficientes para mostrar o contexto de agitação e de transformação de uma série de valores então dominantes no final da década de 1960. Nesse sentido, o surgimento das torcidas jovens cariocas não deve ser entendido como um fenômeno isolado ou apenas encerrado nas fronteiras do mundo esportivo. Se é certo que ele possuía uma lógica interna que o ligava a uma contestação das tradicionais formas de torcer oriundas das décadas de 1940 e 1950, é possível a percepção também de seu enquadramento em uma dimensão social, política e cultural maior. A contraposição às formas de poder estabelecidas no mundo do futebol assinalava também o aparecimento de outras, que estavam relacionadas em escala internacional às repercussões da invenção de um modo de ser jovem no Ocidente, também conhecida como contracultura. Em âmbito nacional, a oposição destes grupos torcedores juvenis à diretoria dos seus clubes estava articulada à sua clara conexão política com determinados meios de comunicação de massa. Ela encontrava respaldo também com os vários movimentos civis e com os diversos eventos públicos que avultavam na cidade do Rio de Janeiro naquele momento.

A contextualização do fenômeno das *torcidas jovens cariocas* permite assim uma compreensão de alguns fatores que levaram ao seu surgimento em 1967 e 1968. Ao mesmo tempo, ele demonstra que algumas de suas características singulares estavam integradas a uma fase da vida nacional, em que os meios de expressão e de manifestação, embora reprimidos, ainda encontravam espaço de manifestação na sociedade brasileira. Assim, a peculiaridade das novas torcidas do Rio de Janeiro em

relação, por exemplo, à cidade de São Paulo não se devia somente à inédita designação juvenil de suas torcidas. O modelo das torcidas jovens cariocas adquiria especificidade em relação às torcidas paulistas sobretudo pelas diferenças de contextos históricos de aparecimento de cada uma delas.

Enquanto no Rio de Janeiro as primeiras torcidas jovens, como as do Flamengo, do Fluminense e do Botafogo, despontavam no biênio de 1967-68, período de crescente politização e de questionamento às formas usuais de autoridade, em São Paulo as novas torcidas<sup>61</sup> teriam nascimento apenas após o ano de 1969, quando o Ato Institucional nº 5 já estava implantado e a liberdade de participação política havia sido cerceada em sua quase totalidade. Na fase autoritária seguinte à implantação do AI-5, poucos seriam os parâmetros que restariam às torcidas organizadas de futebol para além do universo esportivo. Não sem razão, é na década de 1970 que elas passam a serem associadas de maneira progressiva à delinqüência juvenil e às práticas de violência urbana.

## 7. Referências bibliográficas

AGOSTINO, Gilberto. **Vencer ou morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional**. Rio de Janeiro: FAPERJ; Mauad, 2002.

AGUIAR, Flávio. “Notas sobre o futebol como situação dramática”. In: BOSI, Alfredo. **Cultura brasileira: temas e situações**. São Paulo: Ática, 1999.

ALABARCES, Pablo. **Fútbol y pátria – el fútbol y las narrativas de la nación en la Argentina**. Buenos Aires: Prometeo libros, 2002.

ALMEIDA, Luiz Allan. **Rondinelli, o deus da Raça**. Rio de Janeiro: Fusão, s.d.

---

<sup>61</sup> O Grêmio Gaviões da Fiel, do Corinthians, foi fundado em 1969; a Torcida Uniformizada do Palmeiras, em 1970; e a Torcida Independente do São Paulo, em 1972. A Torcida Jovem do Santos, fundada em 1969, teve seu nome diretamente inspirado na Torcida Jovem do Flamengo.

- ALVES, Ivan. **Uma nação chamada Flamengo**. Rio de Janeiro: Europa, 1989.
- ANDERSON, Benedict. **Nação e consciência nacional**. São Paulo: Ática, 1989.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Quando é dia de futebol**. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. **‘Com brasileiro não há quem possa’: crônicas de futebol e identidade nacional**. São Paulo: Tese de Doutorado em Sociologia / USP, 1999.
- AQUINO, Rubim S. L. de. **Futebol, uma paixão nacional**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. **Os gênios da pelota: um estudo do futebol como profissão**. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado em Antropologia Social / Museu Nacional – UFRJ, 1980.
- \_\_\_\_\_. “Força estranha”. In: **Revista Ciência Hoje**. Rio de Janeiro, s.e., 1982, julho / agosto.
- ARCHETTI, Eduardo P. **Masculinities: football, polo and tango in Argentina**. Oxford/New York: Berg, 1999.
- ARQUIVO NACIONAL. “1964-1980: tempos sombrios”. In: **Arquivo Nacional, 150 anos: visão histórica**. Rio de Janeiro: Editora Index, 1988.
- BELLOS, Alex. “Carnaval na torcida”. In: **Futebol: o Brasil entra em campo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade – lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BOURDIEU, Pierre. “A juventude é apenas uma palavra”; “Como é possível ser esportivo”. In: **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

\_\_\_\_\_. “A ilusão biográfica”. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2002.

BRANDÃO, Ignácio de Loyola. “Torcidas organizadas: o jogador das arquibancadas”. In: **São Paulo Futebol Clube: saga de um campeão**. São Paulo: DBA, 1996.

BROMBERGER, Christian. **Le match de football: ethnologie d’une passion partisane à Marseille, Naples et Turin**. Paris: Éd. de la Maison des sciences de l’homme, 1995.

\_\_\_\_\_. “Du public et des supporters”. In: **Football, la bagatelle la plus sérieuse du monde**. Paris : Bayard Éditions, 1998.

BUARQUE, Chico. **Roda Viva**. Prefácio de Vinícius de Moraes. Rio de Janeiro: Sabiá, 1968.

BUFORD, Bill. **Entre os vândalos: a multidão e a sedução da violência**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CABRAL, Sérgio. **No tempo de Ari Barroso**. Rio de Janeiro: Lumiar, s. d.

CAILLOIS, Roger. **Les jeux et les hommes**. Paris: Gallimard, 1958.

CARVALHO, João Antero de. **Torcedores de ontem e hoje**. Prefácio de Néelson Rodrigues. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1968.

CASTRO, Kleber de. “Paiol de emoção”. In: **Futebol brasileiro, o gigante a despertar**. Rio de Janeiro: Revan, 1994.

CASTRO, Ruy. **O vermelho e o negro: pequena grande história do Flamengo**. São Paulo: DBA, 2001.

CÉSAR, Benedito Tadeu. **Os Gaviões da Fiel e a águia do capitalismo**. Campinas: Dissertação de Mestrado em Antropologia Social/ UNICAMP, 1982.

CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle-époque**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

COSTA, André Lucirton. “A organização cordial: ensaio de cultura organizacional do Grêmio Gaviões da Fiel”. In: **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo: s.e. 1995, nº 6.

COSTA, Gabriel Melo da. **Torcidas organizadas: futebol, comunicação e violência**. Rio de Janeiro: Monografia de Graduação em Comunicação Social / Universidade Estácio de Sá, 2002.

Da MATTA, Roberto (org.). **Universo do futebol**. Rio de Janeiro: Pinakoteke, 1981.

\_\_\_\_\_. “Antropologia do óbvio – notas em torno do significado social do futebol brasileiro”. In: **Revista USP**. São Paulo: s.e., 1994. nº 22.

\_\_\_\_\_. “Brasil: futebol tetracampeão do mundo”. In: **Revista Pesquisa de Campo**. Rio de Janeiro: UERJ / Departamento Cultural, 1994, nº 1.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993/1994.

\_\_\_\_\_; DUNNING, Eric. **Sport et civilization: la violence maîtrisée**. Avant-propos de Roger Chartier. Paris: Fayard, 1994.

\_\_\_\_\_; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

FALCON, Francisco. **História cultural: uma nova visão sobre a sociedade e a cultura**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

FAURÉ, Christine. **Mai 68, jour et nuit**. Paris: Gallimard, 1998.

FERNANDES, Fernando Manuel Bessa. **Campo de força: sociabilidade em uma torcida organizada de futebol**. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado em Antropologia / UFF, 2000.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2002.

FERREIRO, Juan Pablo. “*Ni la muerte va a separar, desde el cielo te voy a alentar*”: apuntes sobre identidad y fútbol em Jujuy”. In: ALABARCES, Pablo. **Futbológicas: fútbol, identidad y violencia en América Latina**. Buenos Aires: Clacso, 2003.

FICO, Carlos. **Reinventando o otimismo: ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil**. Prefácio de Carlos Guilherme Mota. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1997.

FLORES, Luís Felipe Baeta Neves. “Da construção do conceito de violência”. In: **Revista Pesquisa de Campo**. Rio de Janeiro: UERJ / Departamento Cultural, 1995, nº 2.

FRANZINI, Fábio. **Corações na ponta da chuteira: capítulos iniciais da história do futebol brasileiro (1919-1938)**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

GALVÃO, Walnice Nogueira. “A *Fiel* e a sua plenitude”. In: **Revista IstoÉ**. São Paulo: Ed. Abril, 1977, nº 44.

GIANOLI, Manuel Gustavo Manrique. **O torcedor de futebol e o espetáculo da arquibancada**. São Paulo: Dissertação de Mestrado em Comunicação e Artes / USP, 1996.

GRAMSCI, Antônio. “O futebol e o baralho”. In: **Escritos políticos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

GUEDES, Simoni Lahud. **O futebol brasileiro: instituição zero**. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado em Antropologia Social / Museu Nacional – UFRJ, 1977.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. “A epifania da forma”. In: **Rascunhos de história**. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica, 1997, nº 10.

\_\_\_\_\_. “Boxe”. In: **Modernização dos sentidos**. São Paulo: Editora 34, 1998.

\_\_\_\_\_. “A forma da violência: em louvor da beleza atlética”. In: **Folha de São Paulo**. São Paulo, 11 de março de 2001, Caderno *Mais!*.

HELAL, Ronaldo. “Estádios vazios, ausência de ídolos: notas para uma reflexão sobre a crise do futebol brasileiro”. In: **Revista Pesquisa de Campo**. Rio de Janeiro: UERJ / Departamento Cultural, 1994, nº 0.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOUCARDE, Nicolas. “La place des supporters dans le monde du football”. In: **Pouvoirs – Revue Française d’Études Constitutionnelles et Politiques**. Paris : s.e., 2002, nº 101.

IANNI, Otávio. “O estado e a organização da cultura”. In: **Revista Encontros com a Civilização Brasileira**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978, nº 1.

KAMPION, Drew; BROWN, Bruce. **Uma história da cultura do surf**. Lisboa: Evergreen, 2003.

KFOURI, Juca. **A emoção Corinthians**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

LAMOUNIER, Bolívar. “A comunidade dos estigmatizados”. In: **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 13 de dezembro de 1976, Caderno B.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Ed. Unicamp, 2003.

LEVER, Janet. “Esporte nas vidas dos torcedores”. In: **A loucura do futebol**. Prefácio de Sandro Moreyra. Rio de Janeiro: Record, 1983.

LINS, Consuelo. **O documentário de Eduardo Coutinho: televisão, cinema e vídeo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

LOPES, José Sérgio Leite. “A morte da alegria do povo”. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1992.

\_\_\_\_\_. “A vitória do futebol que incorporou a pelada”. In: **Revista USP**. São Paulo: s.e., 1994, nº 22.

\_\_\_\_\_. “Esporte, emoção e conflito social”. In: **Revista Mana – Estudos de Antropologia Social**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.

\_\_\_\_\_. “Successes and contradictions in Brazilian ‘multiracial’ football”. In: GIULIANOTTI, Richard; ARMSTRONG, Gary. **Entering in field: perspectives in world football**. Londres: Berg Publishers, 1997.

\_\_\_\_\_. “Considerações em torno das transformações do profissionalismo no futebol a partir da observação da Copa de 1998”. In: **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999, nº 23.

MAGNANE, Georges. “Esportistas e espectadores”. In: **Sociologia do esporte**. São Paulo: Perspectiva, 1969.

MARANHÃO, Haroldo. **Dicionário de futebol**. Rio de Janeiro: Record, 1998.

MELLO, Maria Amélia (org.). **20 anos de resistência: alternativas da cultura no regime militar**. Rio de Janeiro: Espaço e tempo, 1986.

MICELI, Sérgio. “Os que sabem muito bem que estão embaixo”. In: **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 13 de dezembro de 1976, Caderno B.

\_\_\_\_\_. “A força política que vem das arquibancadas”. In: **Revista IstoÉ**. São Paulo: Ed. Abril, 1977, nº 38..

\_\_\_\_\_. “Corinthians. E o pão ?”. In: **Revista IstoÉ**. São Paulo: Ed. Abril, 1977, nº 42.

\_\_\_\_\_. “Os Gaviões da Fiel: torcida organizada do Corinthians”. In: **Revista de Administração de Empresas**. Rio de Janeiro: s.e., 1978, abril / junho.

MONTEIRO, Rodrigo de Araújo. “**Torcer, lutar, o inimigo massacrar – Raça Rubro-Negra!**”: uma etnografia sobre futebol, violência e masculinidade. Prefácio de Alba Zaluar. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2003.

MOORHOUSE, Herbert F. “Les foules de Glasgow”. In: **S. & R.**. Paris: s.e., 1998.

MORAES, Denis de. **O rebelde do traço: a vida de Henfil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.

MORAES, Eduardo Jardim de. “11 de Setembro – o que a filosofia tem a dizer sobre isto ?”. In: **O que nos faz pensar**. Rio de Janeiro: s.e., 2002, nº 15.

MORAES, José Cláudio de A. (Dentinho); ESCOLESE, Eduardo. “Resumo da história dos Gaviões da Fiel”. In: COSTA, Márcia Regina da (et. al.). **Futebol, o espetáculo do século**. São Paulo: Musa Editora, 1999.

MORAIS, Frederico. “Futebol e arte: de Guignard a Garrincha”. In: **Revista do Brasil**. Rio de Janeiro: FUNARJ, 1985.

MORAIS, Pessoa de. “Futebol e psicologia brasileira”; “Transformação social, tradição, juventude e bossa nova”. In: **Tradição e transformação no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Leitura, 1965.

MOTTA, Nelson. **Noites tropicais**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2000.

MOURA, Gisella de Araújo. **O Rio corre para o Maracanã**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

MUNIZ, Hélio. “O Fla é só um retrato na parede”. In: <http://www.nominimo.com.br>. Acesso em: 07 de fevereiro de 2004.

MURAD, Maurício. **Dos pés à cabeça: elementos básicos de sociologia do futebol**. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1996.

\_\_\_\_\_. “Futebol e violência no Brasil”. In: **Revista Pesquisa de Campo**. Rio de Janeiro: UERJ / Departamento Cultural, 1996, nº 3/4.

\_\_\_\_\_. “Futebol e cinema no Brasil – 1908/1981”. In: COSTA, Márcia Regina da (et al.). **Futebol, espetáculo do século**. São Paulo: Musa Editora, 1999.

NEVES, Margarida de Souza. “Os cenários da República: o Brasil na virada do século XIX para o século XX”. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (orgs.). **O Brasil Republicano: o tempo do liberalismo excludente – da Proclamação da República à Revolução de 1930**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, vol. 1.

PENNA, Leonam. **Dicionário popular de futebol: o ABC das arquibancadas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

PEPE, Braz & MIRANDA, Luiz Felipe Carneiro de. **Botafogo, o glorioso**. Petrópolis, s.e., 1996

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

PIGNATARI, Décio. “Terceiro tempo: onze crônicas de futebol”. In: **Contracomunicação**. São Paulo: Perspectiva, 1971.

PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. **Futebol e violência entre torcidas organizadas: a busca da identidade através da violência**. São Paulo: Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais / PUC-SP, 1995.

\_\_\_\_\_. **Torcidas organizadas de futebol: violência e auto-afirmação**. Taubaté: Vogal Editora, 1997.

\_\_\_\_\_. “As transformações na estrutura do futebol brasileiro: o fim das torcidas organizadas nos estádios de futebol”. In: COSTA, Márcia Regina da. (et. al.). **Futebol, espetáculo do século**. São Paulo: Musa Editora, 1999.

\_\_\_\_\_. “Torcidas organizadas de futebol: identidade e identificações, dimensões cotidianas”. In: ALABARCES, Pablo. **Futbolologías: fútbol, identidad y violencia en América Latina**. Buenos Aires: Clacso, 2003.

PRADO, Décio de Almeida. **Seres, coisas, lugares – do teatro ao futebol**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

RAMONET, Ignacio. “A agonia da cultura”. In: **Geopolítica do caos**. Petrópolis: Vozes, 1998.

RIDENTI, Marcelo. **Em busca do povo brasileiro: do CPC à era da televisão**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

\_\_\_\_\_. “Cultura e política: os anos 1960-1970 e sua herança”. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia (orgs.). **O Brasil Republicano: o tempo da ditadura – regime militar e movimentos sociais em fins do século XX**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, vol. 4.

RODRIGUES, Nelson. “Torcida e dirigentes”. In: **O profeta tricolor – cem anos de Fluminense**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

ROSENFELD, Anatol. “O futebol no Brasil”. In: **Negro, macumba e futebol**. São Paulo: Editora Perspectiva / Editora da Universidade de São Paulo; Campinas: Editora Universidade Estadual de Campinas, 1993.

SALLES, João Moreira. “Uma breve descrição do torcedor”. In: <<http://www.nominimo.com.br>>. Acesso em: 31 de maio de 2004.

SANTOS, Joel Rufino dos. **História política do futebol brasileiro**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

SANTOS, Tarcyanie Cajueiro. “O lado *hard* da cultura *cool*: as torcidas e a violência no futebol”. In: ALABARCES, Pablo. **Futbologías: fútbol, identidad y violencia en América Latina**. Buenos Aires: Clacso, 2003.

SCHWARCZ, Lilia Moritz (org.). **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, vol.4.

SCHWARZ, Roberto. “Cultura e política, 1964 – 69”. In: **O pai de família e outros estudos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

SEVCENKO, Nicolau. “No princípio era o ritmo: raízes xamânicas da narrativa”. In: RIEDEL, Dirce Côrtes (org.). **Narrativa: ficção e história**. Rio de Janeiro: Imago, 1988.

\_\_\_\_\_. “Futebol, metrópoles e desastros”. In: **Revista USP**. São Paulo: s.e., 1994. nº 22.

SILVA, Elisabeth Murilho. “A violência no futebol e a imprensa esportiva”. In: COSTA, Márcia Regina da (et. al.). **Futebol, o espetáculo do século**. São Paulo: Musa Editora, 1999.

\_\_\_\_\_. **As torcidas organizadas de futebol: violência e espetáculo nos estádios**. São Paulo: Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais / PUC-SP, 1996.

SOARES, Luis Eduardo. “Futebol e teatro – notas para uma análise de estratégias simbólicas”. In: **Boletim do Museu Nacional**. Rio de Janeiro: s.e., 1979, julho / nº 33.

SOUZA, Jair de; RITO, Lúcia; LEITÃO, Sérgio Sá (org.). **Futebol-arte**. São Paulo: Empresa das Artes, 1998.

TEIXEIRA, Rosana da Câmara. **Os perigos da paixão: visitando jovens torcidas cariocas**. Prefácio de Rosilene Alvim. São Paulo: Annablume, 2004.

TOLEDO, Luiz Henrique de. “Transgressão e violência entre torcedores de futebol”. In: **Revista USP**. São Paulo: s.e., 1994, nº 22.

\_\_\_\_\_. **Torcidas organizadas de futebol**. São Paulo: ANPOCS / Autores Associados, 1996.

\_\_\_\_\_. “A invenção do torcedor de futebol: disputas simbólicas pelos significados do torcer”. In: COSTA, Márcia Regina da (et. al.). **Futebol, o espetáculo do século**. São Paulo: Musa Editora, 1999.

\_\_\_\_\_. “Significados do torcer”. In: **Lógicas no futebol**. São Paulo: Huicitec; Fapesp, 2000.

VELHO, Gilberto. “Brasilidade nasce entre as quatro linhas do gramado”. In: **Mudança, crise e violência – política e cultura no Brasil contemporâneo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

VENTURA, Zuenir. **1968: o ano que não terminou**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

VIANNA, Hermano (org.). **Galeras cariocas: territórios de conflitos e encontros culturais**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

WAHL, Alfred. **La balle au pied – histoire du football**. Paris: Gallimard, 1990.

WELSCH, Wolfgang. “Esporte – visto esteticamente e mesmo como arte ?” In: ROSENFELD, Denis (org.). **Ética e estética**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

WOLFF, Fausto (org.). “O chefe da torcida”. In: **Rio de Janeiro: um retrato – a cidade contada por seus habitantes**. Rio de Janeiro: Fundação Rio, 1989.

ZALUAR, Alba. “Gangues, galeras e quadrilhas: globalização, juventude e violência. In: VIANNA, Hermano. (org.). **Galeras cariocas: territórios de conflitos e encontros culturais**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

## **Periódicos**

JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro. 1976/1988.

JORNAL DOS SPORTS. Rio de Janeiro. 1967-1983.

REVISTA PLACAR. São Paulo: Editora Abril Cultural. 1970-1983.

REVISTA DA RAÇA RUBRO-NEGRA. Rio de Janeiro: 1996, nº 1.

REVISTA DA TORCIDA JOVEM DO BOTAFOGO. Rio de Janeiro: 1996/1997, nº 1, 2, 3 e 4.

### **Arquivo Privado**

MAURITY, Marcos Luiz (ex-integrante da Força Jovem do Vasco). **Correspondência passiva**. Rio de Janeiro, março / maio de 1995.

### **Filmografia**

ANDRADE, Joaquim Pedro de. **Garrincha, a alegria do povo**. Rio de Janeiro: Globo Vídeo, 1964.

BEZERRA, Octávio. **Uma avenida chamada Brasil**. Rio de Janeiro: 1989.

BODANZKY, Jorge. **Iracema, uma transa amazônica**. Brasília / Berlim: 1974.

CAPOVILLA, Maurice. **Os subterrâneos do futebol**. São Paulo: 1965.

DIÉGUES, Caca. **Uma receita de futebol**. Rio de Janeiro: Arquivo da Cinemateca do MAM, 1971.

ESCOREL, Eduardo. **Isto é Pelé**. Rio de Janeiro: Globo Vídeo, 1974.

FARIAS, Roberto. **Pra Frente, Brasil**. Rio de Janeiro, Globo Vídeo, 1982.

FELLINI, Federico. **Roma de Fellini**. Roma: 1971.

HIRSZMAN, Leon. **A falecida**. Rio de Janeiro: Globo Vídeo, 1965.

JUNGLE, Tadeu. **Avesso futebol**. São Paulo: TV Cultura, 1984.

- LEANDER, Paulo. **Tostão, a fera de ouro**. Rio de Janeiro: Globo Vídeo, 1970.
- LOUREIRO, Gilberto. **Copacabana de 7 às 7**. Rio de Janeiro: 1973.
- MORAES, Suzana de. **Vinicius de Moraes, um rapaz de família**. Rio de Janeiro: 1982.
- NEPOMUCENO, Felipe; ASBERG, Pedro. **Rondineli, o deus da Raça**. Rio de Janeiro: Raça Filmes, 2004.
- NEVES, David. **Flamengo, paixão**. Rio de Janeiro: Morena Produtores de Arte, 1980.
- NEWMAN, Renato. **Lapa 67**. Rio de Janeiro: 1967.
- NIEMEYER, Alexandre. **Histórias do Flamengo**. Rio de Janeiro: Acervo Canal 100, 1999.
- NIEMAYER, Carlos. **Canal 100**. Rio de Janeiro: TV Manchete, 1996.
- PROGRAMA PAPO DE ARQUIBANCADA. Rio de Janeiro: TV Record, 1987-1988.
- REIS, Milton. **A Copa de 78 – o poder do futebol**. Brasília: 1978.
- SALLES, João Moreira. **Futebol**. Rio de Janeiro: GNT, 1998. 3 episódios.
- SGANZERLA, Rogério. **Perigo negro**. Rio de Janeiro, 1983.
- WENDERS, Win. **O medo do goleiro diante do pênalti**. Rio de Janeiro: Globo Vídeo, 1971.

### **Endereços eletrônicos**

<<http://www.forcajovem.com.br>>. Acesso em: 08 de julho de 2003

<<http://www.geocities.com/tjbfogo/>>. Acesso em: 18 de julho de 2003

<<http://www.historiadetorcedor.com.br/>>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2004

<<http://www.mafiaazul.com.br/>>. Acesso em: 12 de março de 2004

<<http://www.manchaverde.com.br/>>. Acesso em: 02 de novembro de 2004

<<http://www.racarubronegra.com.br/>>. Acesso em: 20 de junho de 2003

<<http://www.tup.com.br/>>. Acesso em: 09 de agosto de 2004

<<http://www.tyf.com.br/>>. Acesso em: 11 de março de 2003